





UM COMPROMISSO COM A COMUNIDADE

Marcelo Chara
Presidente Usiminas

A Usiminas e a comunidade sempre caminharam juntas. Em mais de seis décadas de operações, o diálogo e a transparência são marcas do nosso relacionamento em todas as localidades onde estamos presentes. Assumimos um compromisso de longo prazo, baseados na convicção de que um projeto industrial só pode crescer em conjunto e integrado à comunidade vizinha.

Para nós, é motivo de muito orgulho participar pelo segundo ano consecutivo (2023 e 2024) do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), da B3. Estar entre as companhias bem avaliadas em sustentabilidade corporativa, a partir de critérios de eficiência econômica, equilíbrio ambiental e governança, reforça o nosso compromisso constante em sermos bons vizinhos. É um importante reconhecimento de que estamos trilhando passos no objetivo de manter uma operação cada dia mais sustentável e uma gestão próxima e aberta.

Em nossas operações industriais, a segurança e o meio ambiente estão na agenda central. Precisamos cuidar das pessoas e melhorar de maneira contínua o nosso desempenho ambiental. Em nossa atuação social, promovemos ações formativas por meio da cultura, do esporte e do apoio e fortalecimento a diversas iniciativas.

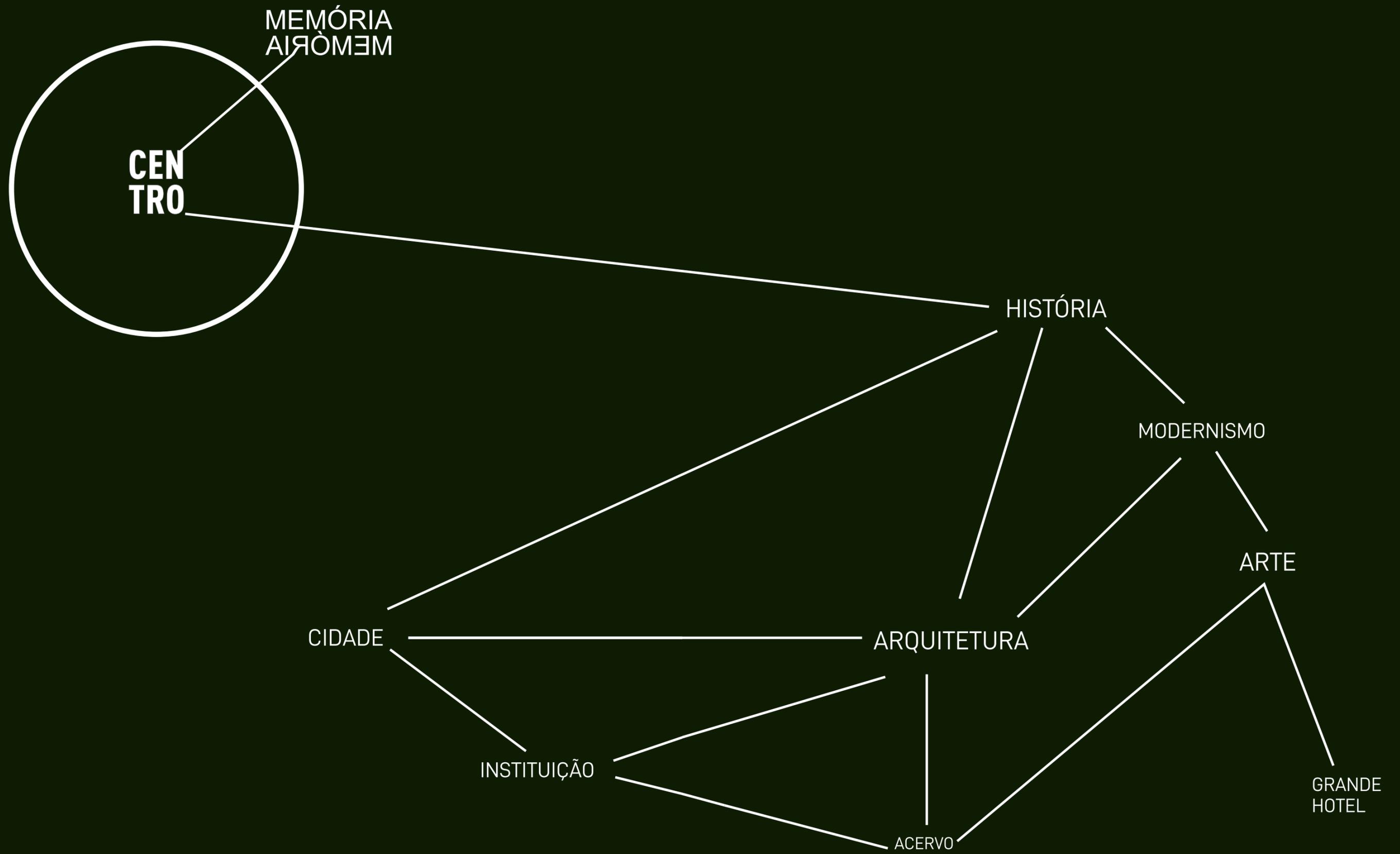
Em Ipatinga (MG), como forma de promover o acesso à cultura e a arte, mantemos em pleno funcionamento quatro relevantes equipamentos culturais, que movimentam a economia local e colocam o Vale do Aço em destaque: Centro Cultural Usiminas, Teatro Zélia Olguin, Ruínas da Estação de Pedra Mole e o Centro de Memória Usiminas, sendo os três últimos bens tombados pelo patrimônio histórico do município.

Inaugurado em 2021, o Centro de Memória Usiminas reúne a história da industrialização, da cidade de Ipatinga e da Usiminas e apresenta obras de artistas consagrados nacional e internacionalmente. Uma riqueza histórica, artística e patrimonial, aberta ao público, gratuitamente.

Com este livro, as experiências do espaço físico se transpõem para as páginas a seguir, ganhando novos territórios. Nesta obra, convidamos você a navegar pelos ambientes do Centro de Memória Usiminas, apreciando todo o conteúdo artístico, documental, marcos históricos e imagens que compõem o acervo desse local que já entrou para a história.

É valorizando a memória, olhando com entusiasmo para o futuro, que iremos escrever novos e duradouros capítulos, cuidando do meio ambiente, das pessoas, e fortalecendo laços.

Boa leitura!





USIMINAS

CURADORIA

RODRIGO VIVAS
Curador

O trabalho com a memória e a história carrega muitos desafios, pois é praticamente impossível precisar o que diferencia os aspectos puramente individuais dos que são atravessados pela coletividade.

Nosso desafio curatorial na construção do Centro de Memória Usiminas, foi problematizar essas questões, tendo como ponto de reflexão os lugares em que a memória ganha corpo e se materializa. A idealização do espaço passou pela decisão de construir esse espaço capaz de recuperar, preservar e rememorar a história da instituição e suas relações com grupos distintos, em diálogo com as questões regionais, nacionais e/ou globais.

Para tanto, articulamos modelos interpretativos tanto da Longa Duração, da historiografia francesa, como da Big History ou World History, da historiografia norte-americana, a partir de grandes eixos temporais da História da Industrialização; História da Usiminas; História de Ipatinga e História do Grande Hotel. Esta articulação é constituída pelos espaços físicos interno e externo, que abrigam patrimônios materiais e imateriais: espaço Memorial, espaço

simbólico do Grande Hotel, espaço do Acervo Artístico e, externamente ao edifício, a Locomotiva e a Estação Pedra Mole.

O levantamento desse corpus documental e artístico que apresentamos no espaço e de forma resumida nesse livro, foi organizado e aberto à consulta pública, reunindo eventos históricos, mapas, fotografias e uma grande base iconográfica desses grandes eixos, formando uma constelação complexa que conecta distintas temporalidades e campos do conhecimento humano.

Com a entrega do trabalho, constatamos a riqueza da história de uma grande empresa em contínua conexão com a cidade de Ipatinga, o Vale do Aço e o Brasil. Este é o começo de uma importante jornada com respeito às tradições, às memórias e à história que se propõe ser renovada através de novos eventos a serem revelados e do fluxo contínuo do presente, passado e futuro.

A proposta é que o Centro de Memória Usiminas seja um espaço de compartilhamento de experiências e produção de conhecimento para que o visitante possa tornar-se integrante dessa Grande História. E agora, por meio desse livro, podemos levar um pouco dessas vivências para um grande público.



CONEXÕES DE UMA MESMA HISTÓRIA: INDUSTRIALIZAÇÃO E CULTURA SOB O OLHAR DA *World History*

A narrativa da história institucional tomando como ponto de partida os eventos definidores da própria empresa tornou-se comum em inúmeras realizações, tanto na mera apresentação em suas páginas institucionais quanto na criação de espaços físicos para apresentação dessa memória, em diálogo com o público. Esse caminho, por um lado, tende a criar maior aproximação de grupos específicos, que já possuem conexão com a própria trajetória da instituição, no entanto, a curadoria a que nos dedicamos ousa a aproximação de outros públicos, por buscar apresentar uma narrativa sobre a Usiminas inserindo-a como parte integrante de uma história que antecede a sua própria existência. O ponto de partida em nosso projeto consiste na relação entre a história da industrialização, da cultura e da arte e a constituição da Usiminas enquanto instituição com um papel relevante na siderurgia e, ainda, na memória da cidade e da produção artística, com seu acervo que preserva uma parcela significativa da arte produzida no Brasil.

A História da Usiminas, iniciada apenas na segunda metade do século XX, está carregada de outras memórias, outras trajetórias ligadas ao percurso da cultura e da industrialização no país. Sob a perspectiva de longa duração dos eventos históricos associados à constituição da industrialização no Brasil, temos uma visão ampliada que permite esclarecer como

eventos à primeira vista não relacionados estão constantemente em diálogo e interação. Essa é a associação que percorre a construção inter e multidisciplinar.

O historiador francês Fernand Braudel problematizou uma das características fundamentais para a história: a definição do tempo histórico, que muitas vezes é tratado como homogêneo. Braudel propõe pensar temporalidades diversas para análise do fenômeno. Conhecidos como os três tempos da história, Braudel explica:

Um evento, a rigor, pode carregar-se de uma série de significações ou familiaridades. Dá testemunho por vezes de movimentos muito profundos e, pelo jogo factício ou não das "causas" e dos "efeitos" caros aos historiadores de ontem, anexa um tempo muito superior à sua própria duração. Extensível ao infinito, liga-se, livremente ou não, à toda uma corrente de acontecimentos, de realidades subjacentes, e impossíveis, parece, de destacar desde então uns dos outros. Por esse jogo de adições, Benedetto Croce podia pretender que, em todo evento, a história inteira, o homem inteiro se incorporam e depois se redescobrem à vontade ⁷.

Perceber a história como um caminho para a integração e a conexão não linear ou não etapista é dispor-se a entendê-la em nuances. O plano a que nos propomos não se refere à construção de uma narrativa do tempo em sucessão contínua, mas, sim, a uma constelação, que relaciona diversificados eventos, documentos, marcos, obras, em uma reflexão mais complexa das redes de informação que conectam distintas temporalidades.

⁷ BRAUDEL, Fernand. Os tempos da história. In: BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992. p. 45.

As três temporalidades sistematizadas por Braudel seriam assim definidas como curta, média e longa duração. A curta duração associa-se a um conjunto de acontecimentos que marcam cronologicamente o transcorrer de uma determinada sociedade, como, por exemplo, a Proclamação da República ou a Revolução Francesa, que decorrem de momentos curtos, contados em poucos dias, meses ou anos de duração.

Contrapondo-se a essa primeira definição, existe a média temporalidade, que não pode ser medida em quantidade de dias decorridos, necessitando ser analisada de forma amplificada. É o caso, exemplificado pelo autor, de "uma curva dos preços, uma progressão demográfica, o movimento dos salários, as variações da taxa de juro, o estudo (mais imaginado do que realizado) da produção"⁸. Estes eventos já se configuram como parte dos campos de estudo de uma história da conjuntura.

Por último, situa-se a longa duração, que depende de uma percepção mais ampliada das temporalidades e dos eventos a ela relacionados. Costuram-se assim as noções de uma história conectada por ciclos e interciclos.

Partindo dessas noções de distintas temporalidades e de como elas podem ser percebidas e incluídas em uma narrativa, buscamos desenvolver associações entre a temporalidade da própria constituição da Usiminas e as partes das redes de significados e de eventos aos quais ela torna um agente privilegiado: a história da industrialização que, por sua vez, relaciona-se ao desenvolvimento da cultura e da arte. Cabe destacar que não concebemos uma instância como superior ou determinante às outras. Assim como algumas análises que

podem perceber a cultura ou a arte apenas como um reflexo de uma ação política e econômica.

Nessa análise mais ampliada, temos ainda como estratégia de abordagem a *world history*⁹ (a história do mundo), conceito discutido por Patrick Manning, em seu livro *Navigating World History: Historians Create a Global Past*, publicado em 2003. Em sua perspectiva, a história é compreendida pelas conexões estabelecidas pelos acontecimentos em esfera global. O trabalho do historiador que pretende articular essa noção é, portanto, o de mostrar o cruzamento entre as fronteiras e os diversos sistemas durante o percurso da humanidade, percorrendo desde a escala mais íntima, familiar e individual, até as narrativas que abrangem toda a humanidade.

Assim, ao promovermos um resgate das memórias e da história da Usiminas pelo viés da *world history*, uma nova técnica de produção do aço pode ser associada a um equipamento ligado à empresa, à cidade, que nos leva às estradas de ferro, que se inter-relaciona à história da industrialização no Brasil.

Essa constelação que se forma a partir dessas relações dialéticas e foge à linearidade, trazendo um interpolado de acontecimentos que retomam diversas temporalidades, exige um esforço multi e transdisciplinar.

Ao expandirmos nosso olhar, tornamo-nos capazes de localizar interconexões antes não perceptíveis e que nos ajudam a explicar fatos ou mesmo padrões que se estabelecem

⁸ BRAUDEL, Fernand. Os tempos da história. In: BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992. p. 47.

⁹ MANNING, Patrick. Navigating World History: Historians Create a Global Past. New York: Palgrave Macmillan. 2003.

durante a História. Dessa forma, surge a necessidade da incorporação de campos de estudo anteriormente excluídos, pela compreensão limitada de que estes não estariam relacionados. Como resultado, essa categoria de abordagem sobre a história começa a tratar uma ampla variedade de áreas e formas de conhecimento.

O pesquisador Alexandre Torres Fonseca, em seu livro *História natural e História humana: ruptura ou continuidade? A Big History e a transdisciplinaridade*¹⁰, apresenta o projeto transdisciplinar da *big history*, retomando alguns pensamentos a respeito do tema já desenvolvidos anteriormente por outros autores, como Rudolf Carnap, Otto Neurath, Hans Hahn e David Christian. O desafio desses autores esteve em conectar diversas áreas do conhecimento, sem negar a especificidade da história humana. No Brasil, podemos apresentar uma narrativa que estabeleça seus acontecimentos específicos, mas que, também, faça parte de uma história maior, “aquela da origem e evolução dos seres humanos, da vida, da terra, e do universo, por isso, *big history*”¹¹. Segundo o autor, “discutir essas proposições à luz da transdisciplinaridade é minha proposta nesta tese de que a *big history* tem mais a ver com a ideia de transdisciplinaridade, um lugar, um topos, no qual o conhecimento vai entre, através e além das disciplinas”¹².

Fonseca apresenta que a transdisciplinaridade estaria ligada a tudo aquilo que articula as disciplinas e usa isso para promover uma maior compreensão dos conceitos tratados em cada uma delas. A respeito dessa articulação, ele afirma: “Desenvolverei minha argumentação tensionando esta unificação do conhecimento através de uma articulação dialógica.

Em uma articulação dialógica, o primeiro termo sempre se relaciona com os outros, que por sua vez retornam ao primeiro”¹³.

Em termos historiográficos, Fonseca esclarece que a “nova história do mundo (*new world history*) é uma linha historiográfica, surgida nos Estados Unidos em meados dos anos 1960” e que o prefixo *new* é usado para diferenciar esta história do mundo das antigas histórias do mundo”¹⁴.

Uma das exigências metodológicas para esse modelo está na necessidade de uma “expansão do espaço, bem como uma maior extensão do tempo, procurando encontrar padrões na história”¹⁵.

O projeto que nos dedicamos a desenvolver associa-se a esse modelo, enquanto buscamos uma integração da memória institucional com a história da industrialização, da cultura e da arte. Nesse sentido, a construção do Centro de Memória da Usiminas visa tanto à preservação de sua trajetória institucional quanto à constituição de um espaço interativo, que estabelece diálogos entre as esferas do patrimônio material e imaterial e o público, não apenas na transmissão, mas na construção de conteúdos transdisciplinares, que poderão transformar-se continuamente.

10 FONSECA, Alexandre Torres. *História natural e História Humana: ruptura ou continuidade? A Big History e a transdisciplinariedade*. Alagoas: EDUFAL, 2016.

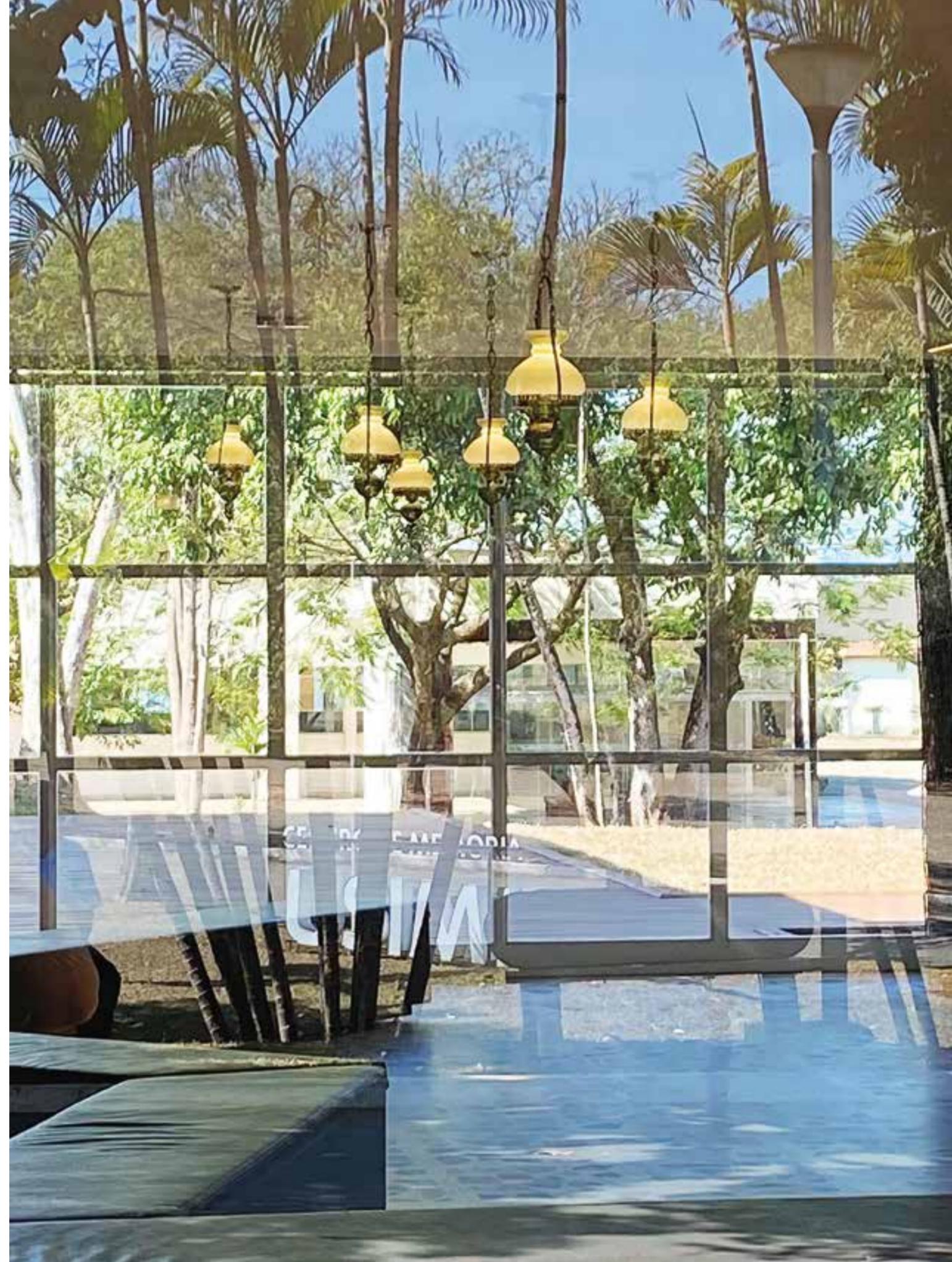
11 FONSECA, Alexandre Torres. *História natural e História Humana: ruptura ou continuidade? A Big History e a transdisciplinariedade*. Alagoas: EDUFAL, 2016. p. 8.

12 FONSECA, Alexandre Torres. *História natural e História Humana: ruptura ou continuidade? A Big History e a transdisciplinariedade*. Alagoas: EDUFAL, 2016. p. 9.

13 FONSECA, Alexandre Torres. *História natural e História Humana: ruptura ou continuidade? A Big History e a transdisciplinariedade*. Alagoas: EDUFAL, 2016. p. 10.

14 FONSECA, Alexandre Torres. *História natural e História Humana: ruptura ou continuidade? A Big History e a transdisciplinariedade*. Alagoas: EDUFAL, 2016. p. 175.

15 FONSECA, Alexandre Torres. *História natural e História Humana: ruptura ou continuidade? A Big History e a transdisciplinariedade*. Alagoas: EDUFAL, 2016. p. 175.







HISTÓ
RIA (S)



**Acordo Lanari-Horikoshi:
comitiva japonesa
no Aeroporto do Galeão**

1

O sonho nutrido pelos mineiros de uma nova indústria de aço no estado encontra caminhos no Plano de Metas de Juscelino Kubitschek e começa a tomar forma em campanhas e fóruns econômicos realizados por lideranças industriais e engenheiros na segunda metade da década de 1950. Decidida a criação da companhia, crescem os entendimentos com grupos japoneses.

Após as conversas iniciadas na primeira missão realizada em 1956, no ano seguinte uma nova comissão japonesa é enviada ao Brasil. A terceira missão é, então, concretizada com a assinatura de um convênio conhecido como acordo Lanari-Horikoshi para a fundação da Usiminas, definindo, em oito tópicos, as características técnicas da usina.



**Presidente Juscelino
Kubitschek crava
a estaca inicial**

2

Em 1958, dois anos após as primeiras negociações, inicia-se a construção da Usina Intendente Câmara.

A solenidade contou com a presença de Juscelino Kubitschek e demais autoridades, o que marca a cravação da estaca fundamental da siderúrgica. O registro fotográfico desse evento foi, durante décadas, um elemento bastante significativo no cotidiano da empresa. Tanto a pedra fundamental quanto a fotografia ficavam na entrada da Usina e foram transferidas para o espaço do Grande Hotel em 2021, durante sua reabertura para ocupar o Centro de Memória, em uma estratégia de diálogo com o público, recriando o gesto fundador.

A transferência foi sentida por boa parte dos colaboradores e gestores, que sugeriram a confecção de uma réplica desses elementos que fazem parte da história da inauguração da empresa, com o objetivo de ocupar o lugar dos originais. Esse fato denota a importância simbólica do evento para os colaboradores.



**A Usina é erguida
em Ipatinga**

3

As obras iniciadas em 1959 envolvem cerca de três mil trabalhadores nas fases iniciais, como terraplanagem, chegando a 10 mil pessoas, em 1961, com a montagem de equipamentos.



**Os samurais
no Japão**

4

A primeira equipe de engenheiros formada pela Usiminas é enviada para treinamento no Japão. Os "Sete Samurais" (alusão ao filme do renomado diretor de cinema japonês Akira Kurosawa) ficam lá por um ano.

Apesar dessa alusão, foram dez profissionais, como podemos citar: coqueria (Helder Parente Prudente), controle de qualidade (João Geraldo Pessoa Evangelista), instrumentação e combustão (Álvaro Luiz Macedo de Andrade), sinterização (Manuel Moacélio de Aguiar Mendes), laminação (Antônio Pedrosa da Silva), planejamento (Maurício de Mello), aciaria (Valério da Silva Fusaro), altos-fornos (José Barros Cota), manutenção eletromecânica (José Eulálio Pinto), transporte e apoio à operação (Cássio Lanari Guatimosim).

A história do crescimento da Usiminas se mistura à história de Ipatinga. A empresa selecionou Hardy Filho para atuar na elaboração do plano urbanístico, baseado nos pontos-chave do urbanismo moderno, que tinha o objetivo de construir a Vila Operária para atender às demandas dos seus futuros colaboradores. O projeto pretendia acompanhar as expansões do parque siderúrgico, com sua evolução urbana, social e econômica. A Vila dependia diretamente dos interesses da sede, que ficava no atual município de Coronel Fabriciano.

Em 29 de abril de 1964, ocorre a emancipação de Ipatinga e de Timóteo, sendo decretada por José de Magalhães Pinto, e a partir desse momento o distrito de Barra Alegre passa oficialmente a pertencer a Ipatinga.

A emancipação de Ipatinga se relacionou ao crescimento da cidade, ligada às ideias desenvolvidas e defendidas no plano de urbanização. A prefeitura da cidade passa a assumir serviços públicos que antes eram executados pela Usiminas, como água, esgoto sanitário e pluvial, limpeza urbana e manutenção de ruas.

Uma das importantes medidas foi a criação da Coordenação do Plano Habitacional da Usiminas, cujo objetivo foi coordenar o desenvolvimento de estudos sobre a criação de núcleos habitacionais, sua elaboração e execução, tendo em vista a necessidade de consolidar o desenvolvimento do Plano Habitacional da empresa, visando atender às suas necessidades de crescimento. Financiadas com recursos próprios, Banco Nacional de Habitação (BNH), Banco de Crédito Real de Minas Gerais, Cooperativa do Vale do Aço e Cooperativa Habitacional do Cariru, foram construídas novas unidades residenciais nos bairros Amaro Lanari, Areal e Carirú e foi iniciado o projeto de urbanização do bairro Bela Vista, onde seriam construídos 800 apartamentos e 917 casas.



**Usiminas e a
urbanização
de Ipatinga**

5



Grande Hotel, anos iniciais

6

A construção do Grande Hotel teve início no ano de 1959, sendo fundado em 1961, com projeto de Raphael Hardy Filho, engenheiro arquiteto com formação pela Escola de Arquitetura da UFMG e que seguiu o mesmo caminho de seu pai, Raphael Hardy, também arquiteto e um dos precursores da Art-decô em Belo Horizonte.

Entre as edificações com autoria de Hardy Filho, destacam-se: o Fórum Lafayette, a sede do Ipsemg, o edifício residencial Nossa Senhora de Fátima e a antiga sede da Usiminas na Pampulha. Hardy Filho foi também responsável por projetar o plano urbanístico de Ipatinga. O arquiteto deixou inúmeros marcos que podem ser vistos até hoje e pertenceu à geração que se formou a partir da década de 1940, na qual se destacaram os arquitetos Fontenelle e Shakespeare, que deixaram marcas nas gerações dos anos 50 e 60.

Para a construção do Grande Hotel, Hardy convidou o também arquiteto Marcelo Bhering. A destinação inicial do local, tinha como objetivo receber funcionários e empreendedores do mercado siderúrgico. Sendo um dos marcos do processo de industrialização na cidade de Ipatinga, o edifício está localizado no bairro Castelo, com proximidade ao centro comercial de Cariru.

O hotel recebeu inúmeros nomes importantes do mercado siderúrgico durante muitos anos, sendo tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Municipal, sob lei nº 1762, de 24 de março de 2000. Agora, o prédio abriga o Centro de Memória Usiminas, fundado no ano de 2021.



Presidente João Goulart acende o Alto-Forno 1

8

O ano: 1962. A história da industrialização brasileira ganha um capítulo muito especial. Em 26 de outubro, é inaugurada em Minas Gerais, mais precisamente no Vale do Aço, a Usina Intendente Câmara.

O presidente da república, João Goulart, faz o acendimento do Alto-Forno 1 com uma tocha trazida a pé por estudantes da tradicional Escola de Minas de Ouro Preto, simbolizando o sonho dos inconfidentes mineiros.

A primeira corrida de gusa marca o início da produção industrial da Usiminas.



Príncipes herdeiros japoneses visitam Ipatinga

9

Akihito, então herdeiro do trono japonês, e sua esposa, a princesa Michiko, estiveram no Brasil para uma visita de cortesia, em 1967. O roteiro incluiu visitas à Usiminas e ao Hospital Márcio Cunha, em Ipatinga.

O ano de 1965 é marcado pela inauguração do Hospital Márcio Cunha, em solenidade com a presença do presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco, e pela fundação do Clube Morro do Pilar, no bairro Castelo, e do Cariru Tênis Clube.

O hospital contava, no momento de sua inauguração, com unidades básicas compostas por 50 leitos, serviços de raios x e laboratório, bloco cirúrgico, centro obstétrico, duas alas de internação geral e maternidade. Ele teve o amparo da Fundação Francisco Xavier, que também investiu na ampliação do hospital, que cresceu na mesma proporção que o município.



Hospital Márcio Cunha, anos iniciais

7

Houve uma moderna transformação na arquitetura do hospital durante as décadas seguintes que integrou diversos serviços aos sete andares do prédio da Unidade de Internação, como unidades de apoio ao diagnóstico, unidades de tratamento intensivo, laboratório, centro de reabilitação, centro cirúrgico e consultórios com médicos especializados.

Hoje o hospital possui 548 leitos e é referência para mais de 700 mil habitantes em mais de 85 municípios do leste de Minas Gerais. Esses avanços foram importantes para a consolidação de um atendimento médico seguro e de qualidade que pudesse acompanhar o crescimento de Ipatinga.

O pioneirismo na pesquisa siderúrgica é outro marco importante, com a assinatura de acordo de consultoria técnica, firmado junto à empresa japonesa Yawatta Iron Steel Co., hoje Nippon Steel Corporation, para organização e instalação do Centro de Pesquisas. Em 1967, é iniciada a seleção dos primeiros engenheiros para essa nova área.

O Centro de Pesquisas foi criado para desenvolver conhecimento próprio, elevar o nível tecnológico da produção e dar suporte às expansões futuras. A instalação dos laboratórios ocorre em 1971. Ainda hoje, o Centro de Pesquisas é considerado um dos mais modernos da América Latina.

O planejamento de pesquisas é feito anualmente, com base nas necessidades apontadas pelos setores de produção, de controle metalúrgico e de vendas, e pelos próprios clientes.

São, portanto, variados os projetos desenvolvidos, envolvendo desde pesquisa sobre processos siderúrgicos até pesquisas direcionadas às áreas de energia (redução do consumo de derivados de petróleo através da utilização de fontes alternativas) e de comercialização (apoio ao desenvolvimento de novos produtos).

O Centro de Pesquisas atua, ainda, desenvolvendo projetos para outras empresas e em associação com outras instituições, como universidades.



Nasce o Centro de Pesquisas

10



Usiminas Mecânica, anos iniciais

11

Ao iniciar sua fase de expansão, a Usiminas constitui, no ano de 1970, uma empresa subsidiária - Usiminas Mecânica S.A., cujas bases para a formação têm origem nos resultados dos trabalhos realizados pela Assessoria Especial para Promoção do Uso do Aço. Segundo exposição do Relatório Anual de Atividades de 1970, a nova empresa estaria "destinada inicial e principalmente à manutenção da Usina Intendente Câmara e deverá evoluir no sentido da sua implantação como empresa de base tecnológica e de desenvolvimento industrial, utilizando não só as facilidades da Usiminas como de toda a indústria de equipamentos". (RELATÓRIO/1970. Usiminas Revista. Belo Horizonte, 2 (3): 5-19. 1971. Citação: p-17.)

Para promover a utilização do aço, a nova empresa inicia a fabricação de estruturas metálicas e de pontes e inaugura sua fábrica de perfis soldados, em Ipatinga. Mas o principal objetivo da subsidiária será a produção de equipamentos siderúrgicos, visando atender às expansões das grandes siderúrgicas brasileiras e cuja fabricação era vista como fator básico para o desenvolvimento do Brasil.



Aquisição da Cosipa, em Cubatão

13

O principal movimento da consolidação da Usiminas foi a aquisição do controle acionário da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), em Cubatão, privatizada em 1993 como parte do PND. Naquele período, a Cosipa enfrentava graves problemas operacionais e, após uma fase de diagnóstico, a Usiminas empreende o projeto Drop Down, que consiste em ampla reestruturação financeira, econômica e tecnológica na usina, elevando a produtividade e o valor agregado da produção. Somadas as capacidades produtivas das usinas de Ipatinga e Cubatão, a Usiminas forma o maior complexo siderúrgico da América Latina.



Usiminas é a primeira estatal privatizada no Brasil

12

No cenário do Brasil, o governo planejava dar início a um ciclo de privatizações, que ficou conhecido como Plano Nacional de Desestatização (PND). O objetivo era reduzir a presença do Estado na economia, liberalizando o setor produtivo, a começar pela siderurgia. Por estar em melhores condições financeiras e operacionais, a Usiminas é escolhida como a primeira estatal a ser privatizada, o que ocorre em 24 de outubro de 1991.

Com capital privado, controlado por grandes grupos industriais e financeiros, a empresa passa a planejar-se estrategicamente, não apenas para superar as adversidades do cenário econômico do país, mas para pensar em seu futuro.



Centro Cultural Usiminas, equipamento referência no Brasil

14

O Instituto Usiminas foi fundado em 1993 e é responsável pela gestão de ações de responsabilidade social nos municípios onde as empresas Usiminas estão presentes e, também, pela manutenção de quatro relevantes equipamentos culturais em Ipatinga: Centro Cultural Usiminas, Teatro Zélia Olguin, Centro de Memória Usiminas e Estação Pedra Mole.

O Centro Cultural Usiminas foi inaugurado em 1998, juntamente à Galeria de Arte Hideo Kobayashi, que realizou inúmeras exposições importantes e recebeu, em 2006, o prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), na categoria "Instituição pela Programação". Esse complexo de cultura se tornou referência no Brasil, contribuindo para a formação de público e consolidando um mercado no segmento na região do Vale do Aço.



Soluções Usiminas: processamento do aço

15

Para ampliar o valor de seus ativos de beneficiamento e logística, é criada uma subsidiária: a Soluções Usiminas (SU), que reuniria as empresas Rio Negro, Dufer, Fasal e Zamprogna, além das unidades industriais Usial e Usicort.

A Soluções Usiminas passa a atuar nos segmentos de distribuição, serviços (transformação do aço) e produção de tubos com costura, com a missão de atender de forma mais customizada às demandas do mercado.



Criada a Mineração Usiminas

17

Como estratégia de fomentar o desenvolvimento de suas atividades de mineração, a Usiminas associa-se à japonesa Sumitomo Corporation e formaliza a criação da Mineração Usiminas (Musa), a partir dos ativos minerários adquiridos do Grupo J. Mendes, em Serra Azul, e da participação na ferrovia MRS.

A empresa estabeleceu-se como importante fornecedora de minério, tanto para o mercado nacional quanto para o mercado internacional. Ela oferece minérios de alta qualidade e utiliza a inovação e a tecnologia, sem abrir mão da segurança e da sustentabilidade.



Governador de Minas Gerais, Itamar Franco, inaugura a Unigal, aço de alto valor agregado

16

Durante toda a década de 1990, os aportes somam US\$ 2 bilhões em diversos projetos. Entre eles, destacam-se: substituição do lingotamento convencional pelo contínuo na Aciaria 1, implantação da linha de Tiras a Frio 2 e produção de aços galvanizados.

Em 2000, é inaugurada uma linha de aços galvanizados por imersão a quente da Unigal, joint venture

entre a Usiminas e a Nippon Steel Corporation. Os aços produzidos, resistentes à corrosão e de alto valor agregado, contribuem para consolidar a qualidade do mix de produtos da Usiminas. Quatro anos após sua inauguração, a Unigal passa a responder por 42% do total de aços galvanizados consumidos pelas montadoras brasileiras. Em 2011, duplica sua capacidade de produção.



Usiminas participa da entrada da Ternium na bolsa de valores

18

Desde suas origens, a Usiminas e a Ternium mantiveram uma estreita relação, que lhes permitiu construir uma aliança estratégica na região onde a empresa brasileira sempre acompanhou a Techint em suas expansões: primeiro na Argentina, com o nascimento da Siderar; em seguida na Venezuela, com a privatização da Sidor, e, finalmente, participando da oferta pública da Ternium.



Celebração dos 60 anos do acordo Lanari - Horikoshi (2017)

19

Comemoração dos 60 anos da assinatura do Acordo Lanari-Horikoshi, que oficializou a participação da Nippon Steel na Usiminas em 1957, no teatro do Centro Cultural Usiminas, em Ipatinga.

Na ocasião, foi lançada a versão em português do livro Vínculo de Aço – Minha mocidade dedicada à Usiminas, do escritor Koremasa Anami, traduzida pelo então presidente do Conselho Fiscal da companhia, Masato Ninomiya. A publicação retrata a trajetória dos primeiros japoneses que vieram trabalhar no Vale do Aço.



Grupo dos 10 e samurais: presente e passado pelo futuro da Usiminas

21

Inspirada na contribuição que os “Sete Samurais” deram para a construção da Usiminas, a diretoria criou o Grupo dos 10. O novo time, formado mais de 50 anos depois e composto por executivos de carreira, tem a missão de viabilizar o crescimento da empresa. O objetivo é apresentar soluções rápidas e eficazes para todas as áreas da companhia, focadas na redução de custos, aumento das vendas e retomada em escala da geração de resultados.



Techint e Nippon Steel: bloco de controle acionário da Usiminas

20

A Techint, controladora, entre outras empresas, da Ternium, adquire a participação do grupo Camargo Corrêa/Votorantim em 2012 e passa a integrar o bloco de controle da companhia, com a Nippon e a Caixa dos Empregados da Usiminas. Em 2018, um novo acordo de acionista entra em vigor entre os controladores da Usiminas.



Criação do Centro de Memória Usiminas (2021)

22

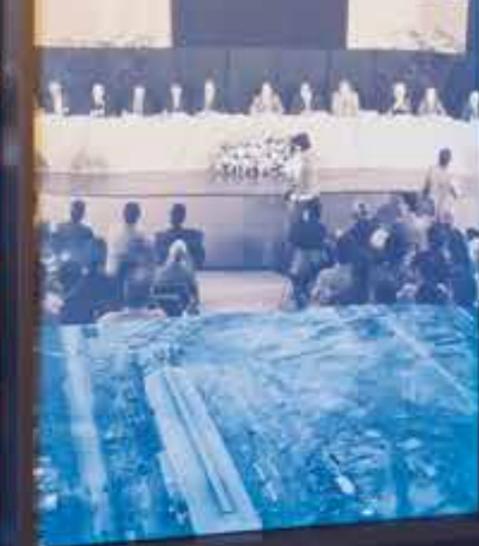
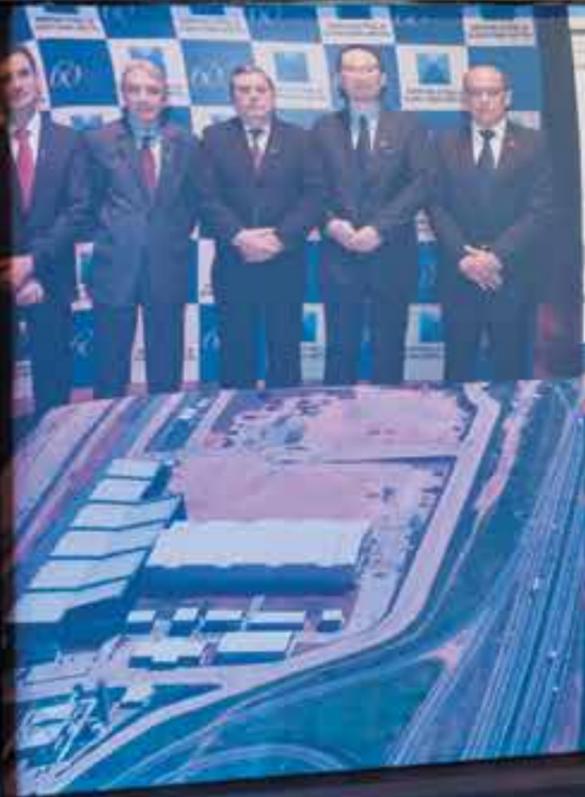
INCONTRO DI SUI ALBERGO

Il 25 settembre 1945, a Parigi, si riunisce il Consiglio di Amministrazione dell'Albergo di Sui, che ha il compito di organizzare la ricostruzione dell'Albergo di Sui. Il Consiglio è presieduto dal signor [nome non leggibile] e composto da [nomi non leggibili].

Il signor [nome non leggibile] è il presidente del Consiglio. Il signor [nome non leggibile] è il vicepresidente. Il signor [nome non leggibile] è il segretario. Il signor [nome non leggibile] è il tesoriere. Il signor [nome non leggibile] è il procuratore. Il signor [nome non leggibile] è il direttore generale. Il signor [nome non leggibile] è il direttore amministrativo. Il signor [nome non leggibile] è il direttore tecnico. Il signor [nome non leggibile] è il direttore commerciale. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di personale. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di polizia. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di vigilanza. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di sicurezza. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di igiene. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di pulizia. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di manutenzione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di trasporti. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di comunicazioni. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di relazioni pubbliche. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di marketing. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di vendite. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di acquisti. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di produzione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di distribuzione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di logistica. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di finanza. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di contabilità. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di fiscalità. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di diritto. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di medicina. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di psicologia. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di sociologia. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di antropologia. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di etologia. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di zoologia. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di botanica. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di geologia. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di fisica. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di chimica. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di matematica. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di informatica. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di ingegneria. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di architettura. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di urbanistica. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di pianificazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di gestione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di controllo. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di valutazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di certificazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di accreditamento. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di registrazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di licenziamento. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di autorizzazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di approvazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di concessione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di autorizzazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di approvazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di concessione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di autorizzazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di approvazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di concessione.

Il signor [nome non leggibile] è il direttore di autorizzazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di approvazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di concessione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di autorizzazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di approvazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di concessione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di autorizzazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di approvazione. Il signor [nome non leggibile] è il direttore di concessione.





INDUSTRIALIZAÇÃO



LOCOMOTIVA UTILIZADA PARA O PRIMEIRO TRANSPORTE DE GUSA

Ano de aquisição: 1961
Modelo: D 203
Suporta 20 toneladas

O caminho percorrido nesse espaço constitui-se por histórias em comum: da industrialização brasileira, da Usiminas e do Vale do Aço, com destaque para Ipatinga. A composição das fotografias e do vídeo, expostos no Centro de Memória Usiminas e retratados resumidamente nesse livro, está articulada em um fluxo temporal contínuo repleto de experiências simbólicas das imagens históricas de atores que construíram e ainda constroem a Usiminas, possibilitando ao visitante elaborar uma experiência de atualização do passado a partir da vivência do presente.

Destaca-se também o diálogo estabelecido entre o espaço museográfico interno e externo do Centro de Memória. A locomotiva, localizada no pátio de entrada, se conecta à Estação Pedra Mole, primeira estação ferroviária de Ipatinga, relembrando sua importância no processo de desenvolvimento da indústria por encurtar distâncias, aproximar pessoas e transportar os recursos necessários a esta atividade.

Este caminho nos conduz à fotografia que relembra o gesto inaugural da Usiminas, que remonta o momento da cravação da estaca inicial da construção de Intendente Câmara, primeira usina instalada pela companhia.





1. Carvão mineral: chega via transporte marítimo até o porto e ferroviário até a usina, é importado de diferentes países.

2. Minério de ferro: entregue por diferentes mineradoras, em especial por transporte ferroviário. A Mineração Usiminas fornece minérios de ferro para a Usiminas, além do mercado nacional e internacional.

3. Na Coqueria, o carvão mineral é transformado em coque metalúrgico.

4. Na Sinterização, uma mistura de minérios finos e fundentes é transformada em sínter.

5. O coque metalúrgico e o sínter são enviados para os altos-fornos, onde, junto com o minério bitolado e pelotas, dão origem ao ferro-gusa.



6. O ferro gusa é vazado do alto-forno e enviado para as Aciarias, onde, misturado com a sucata e ferro ligas, são realizados os refinamentos primário e secundário, então transformado em aço.

7. O aço líquido é vazado no processo de lingotamento contínuo, onde são formadas as placas de aço que são cortadas de acordo com a demanda e enviadas para as laminações.



8. Na laminação a quente as placas são reaquecidas e laminadas em dois tipos de processos: chapas grossas e tiras a quente.

9. Na laminação de chapas grossas as placas se tornam chapas para as indústrias de construção civil, naval, óleo e gás, entre outras.

10. As bobinas a quente são resultado do processo de laminação de tiras a quente, aplicadas em tubos, rodas automotivas, máquinas e equipamentos diversos.



11. A bobina a quente é matéria-prima para a produção das bobinas a frio, fabricada a partir de processos de decapagem, laminação de tiras a frio, recozimento e encruamento.

12. As bobinas a frio tem aplicações diversas como na indústria automotiva, móveis, motores elétricos, dentre outras.

13. A partir da bobina a frio são produzidos os galvanizados, um processo de revestimento especial de zinco no produto.



14. A Usiminas conta com dois tipos de processos de galvanização, a eletrolítica e a por imersão a quente, realizada na Unigal.

15. Todos esses produtos chegam aos diversos clientes por uma ampla logística, somada ao processamento do aço por meio da Soluções Usiminas, para diversas aplicações.

16. Ao longo da história, a Usiminas Mecânica também se destacou no processamento do aço em grandes projetos no Brasil e no exterior. Hoje, atua nos segmentos de Manutenção e Montagem Industrial.



Parque Lagoa Silvana, em Caratinga, com área total de 255,86 hectares.

Segunda siderúrgica no mundo a ser certificada pela norma internacional ISO 14001, de gestão ambiental.

Nos últimos 30 anos, foram investidos mais de R\$ 370 milhões, por meio de leis de incentivo fiscal, a mais de 2,5 mil projetos.

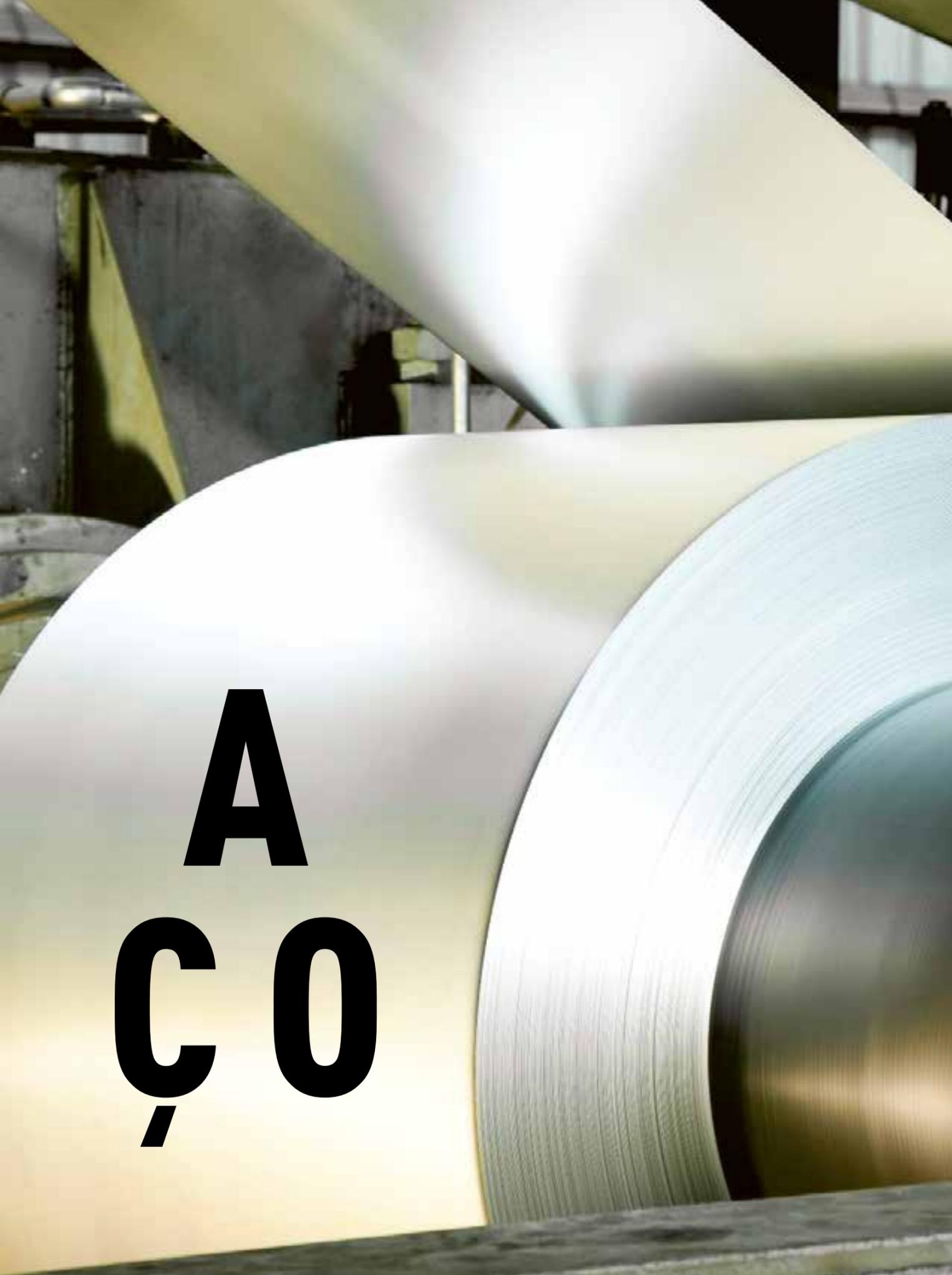
Programa "Pegadas Serra Azul" da Mineração Usiminas atua no monitoramento de espécies

SUSTENTABILIDADE

AGROPECUÁRIA

UNIVERSO POSSÍVEL

PARTECIPAÇÃO DE ATIVIDADES



A Ç Õ

SUSTENTABILIDADE

Aço que liga energia limpa e inovação a um futuro mais sustentável. Energia mais limpa, renovável e duradoura, reforçando o compromisso com o hoje e com o amanhã.

ROBUSTEZ

Aço que liga máquinas pesadas mais confiáveis e modernas a um dia a dia mais eficiente para todos. Um jeito único de fazer as coisas com capricho e com inovação.

TECNOLOGIA

Aço que liga veículos mais econômicos e mais eficientes a uma vida com mais mobilidade. Automóveis mais leves, seguros, sustentáveis e econômicos, em dia com o futuro.

RESISTÊNCIA

Aço que liga construções modernas e robustas ao melhor aproveitamento de espaços e ao desenvolvimento sustentável. Estruturas mais seguras e resistentes para grandes empreendimentos.

**Aço que liga materiais
siderúrgicos mais
funcionais e leves a
casas e produtos
preparados para o
futuro. De cada peça de
aço, tantos novos
mundos são criados.**

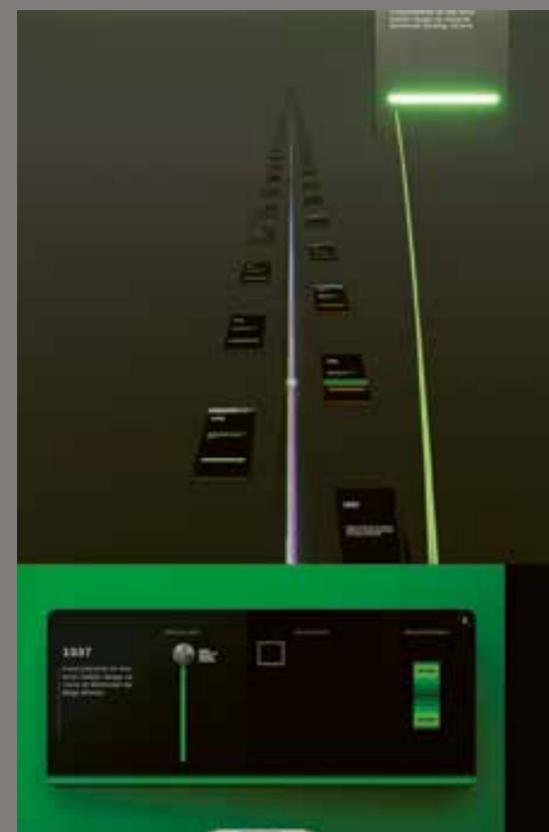
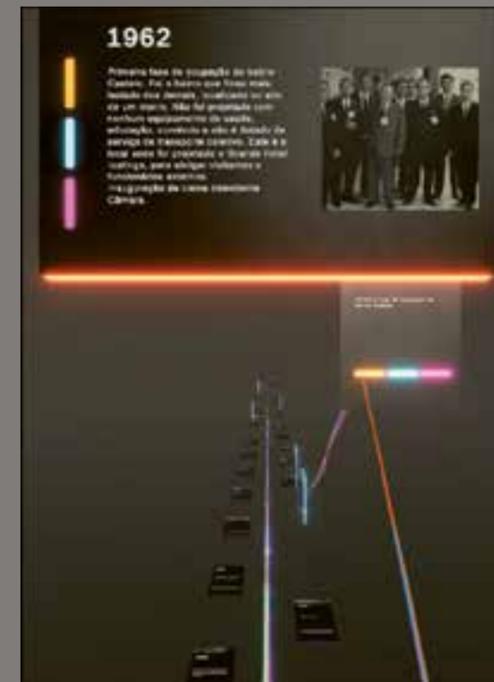
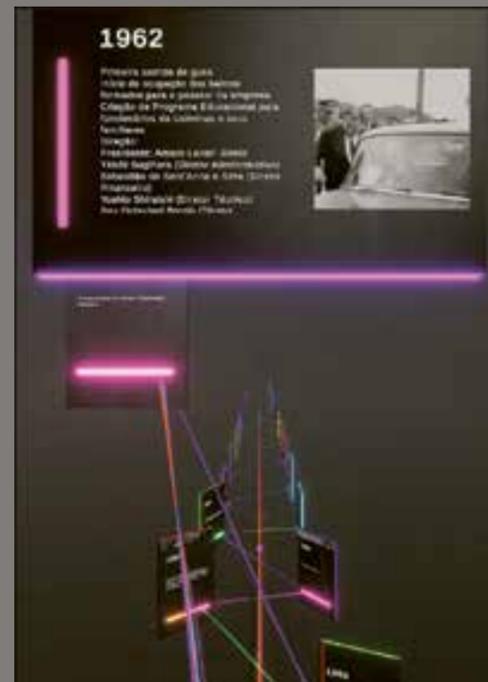
**CAPRI
CHO**

**Aço que liga produtos mais
resistentes e com design
inovador ao conforto e bem-
estar das pessoas. Produtos
mais resistentes, modernos,
funcionais e inovadores para
uma vida em movimento.**

**VERSATI
LIDADE**



CONEXÕES



O projeto Big History, que norteou a realização da curadoria do Centro de Memória Usiminas, visa interconectar temporalidades e eventos à primeira vista não relacionados, mas que estão em constante diálogo, em uma estrutura não linear. O plano a que nos propomos não se refere à construção de uma narrativa do tempo em sucessão contínua, mas sim em uma constelação. Como resultado, essa categoria de abordagem sobre a história começa a tratar uma ampla variedade de áreas e formas de conhecimento. Na imagem acima é possível perceber a utilização do banco de dados no momento em que três histórias se relacionam, visando demonstrar a complexidade das ações: a história da Usiminas, a história da Industrialização e a história de Ipatinga.



O colégio foi a ambição para a criação da Fundação Educacional que hoje atende ao ensino superior.



Indústria e Comunidade crescem juntas na cidade de Ipatinga.

IPATINGA CIDADE JARDIM



Foi inaugurado em 1965 com apenas 50 leitos.

para atender às necessidades da instalação da Usiminas.

Maiores Centros de Pesquisas em siderurgia da América Latina.

Participação no conselho do Parque Estadual do

INDÚSTRIA, CIDADE E JARDIM

A cidade construída para abrigar uma grande indústria, acolheu também as pessoas.

O aço trouxe para Ipatinga os grandes equipamentos, a tecnologia, a urbanização e o desenvolvimento social. Nessa bagagem, vieram também muitas árvores, os livros escolares e uma promessa de futuro para milhares de pessoas.

Para além dos muros da Usina, a Usiminas atuou, desde sua fundação, para dotar Ipatinga de infraestrutura e serviços de ponta, fatores chave para o crescimento da cidade, que hoje figura entre as 10 maiores do Estado, e para a qualidade de vida de seus moradores.

Essa sinergia entre indústria, cidade e comunidade permitiu que o progresso técnico e econômico se refletisse também em progresso social e desenvolvimento humano, transformando a realidade local ao longo de seis décadas.

Ipatinga: uma cidade industrial que se orgulha da sua posição privilegiada entre as mais verdes do país com seus cerca de 100 m² de área verde por habitante. Uma cidade industrial que abraça outras tantas como polo de saúde e educação, que vive a arte, a solidariedade e que mantém o olhar voltado para o futuro.



Construção da Usina de Ipatinga



Usina de Ipatinga hoje



Construção das áreas de Redução da Usina

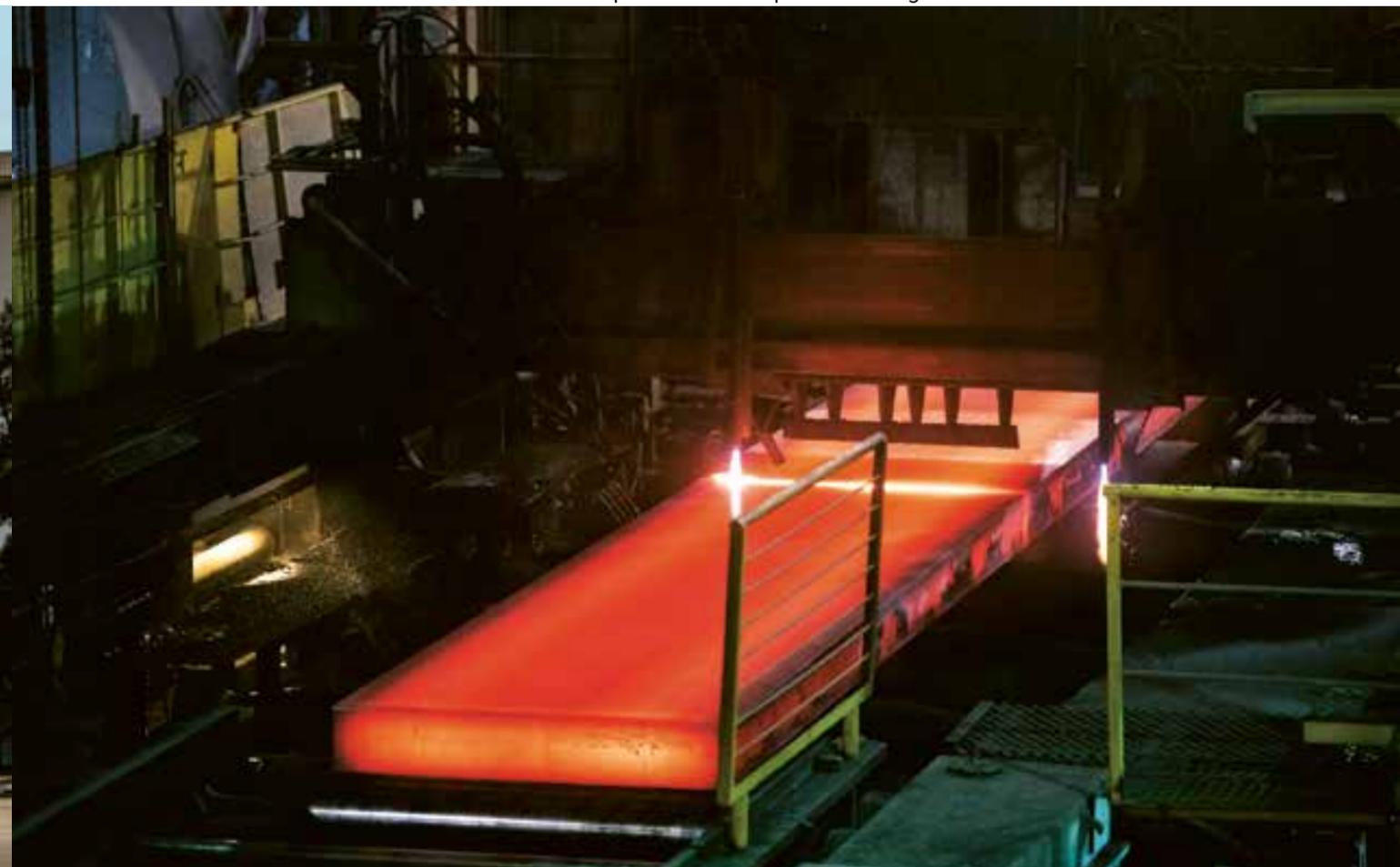


Colaboradores na operação do Lingotamento Contínuo da Aciaria

Vista dos três altos-fornos atualmente



Corte de placas na máquina de Lingotamento Contínuo atualmente





Colaborador acionando o comando da Linha de Tesouras na Laminação de Tiras a Quente

Operação da linha de Tiras a Quente da cabine do laminador



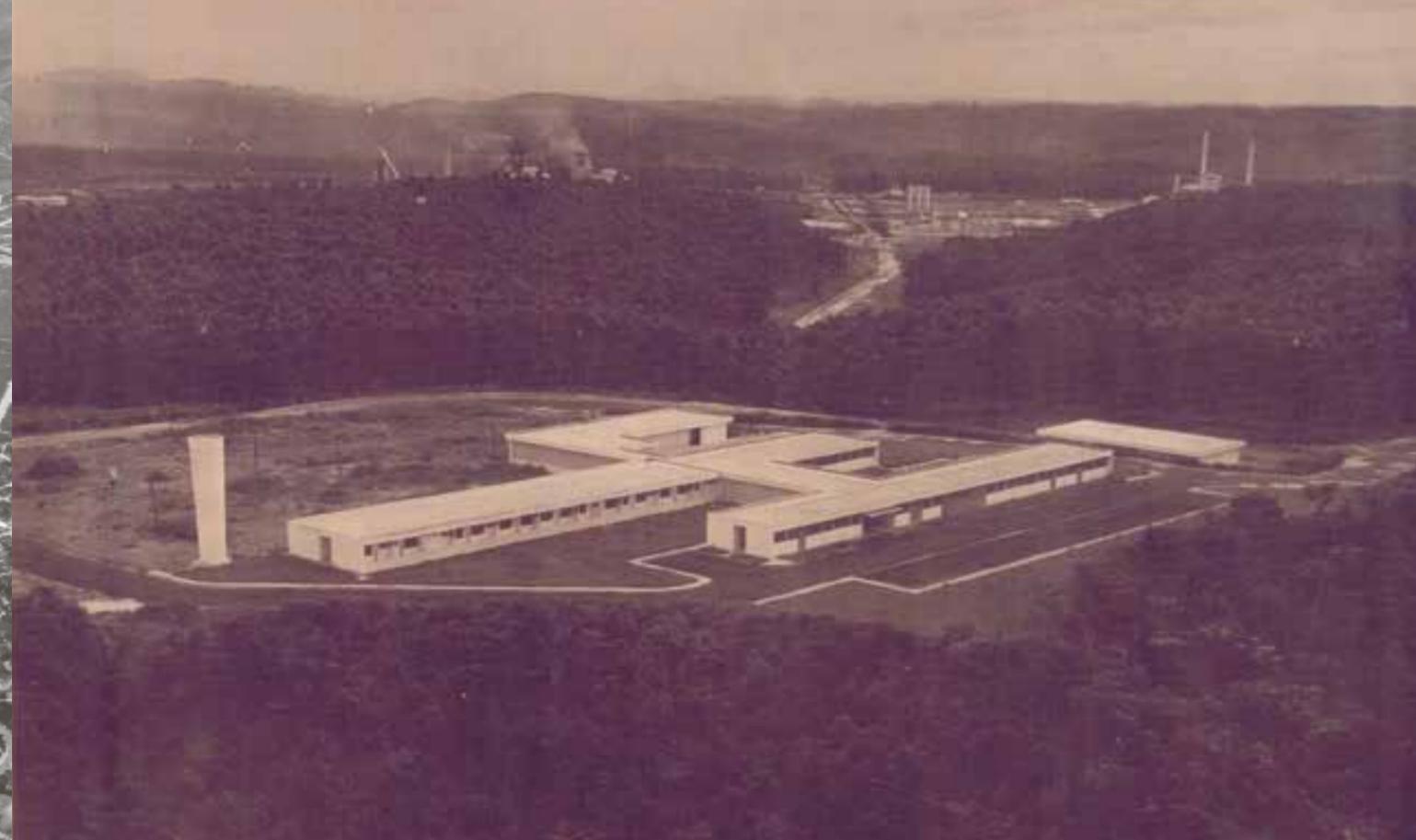
Cariru, um dos bairros da chamada "Vila Operária", com a usina ao fundo

Vista do bairro Iguaçu com usina ao fundo.
A expansão da cidade ao longo das últimas décadas





Vista da usina e os bairros da "Vila Operária" no entorno



Logo após o início de operação da usina, a Usiminas inaugura o Hospital Márcio Cunha

A Lagoa da Anta, o cinturão verde da usina e as áreas verdes que fazem de Ipatinga referência nacional em arborização urbana



Gerido pela Fundação São Francisco Xavier, o Hospital Márcio Cunha é referência no estado e no Brasil





O recém-inaugurado Grande Hotel, construído para hospedar profissionais e autoridades na implantação da usina



Rio Piracicaba e o bairro Das Águas com o Hospital Márcio Cunha ao fundo

O Grande Hotel continua na história ao abrigar o Centro de Memória Usiminas



Mais de 22 km da Mata Ciliar foram recuperados pela Usiminas, contribuindo para o restabelecimento dos curso dos rios Doce e Piracicaba na região





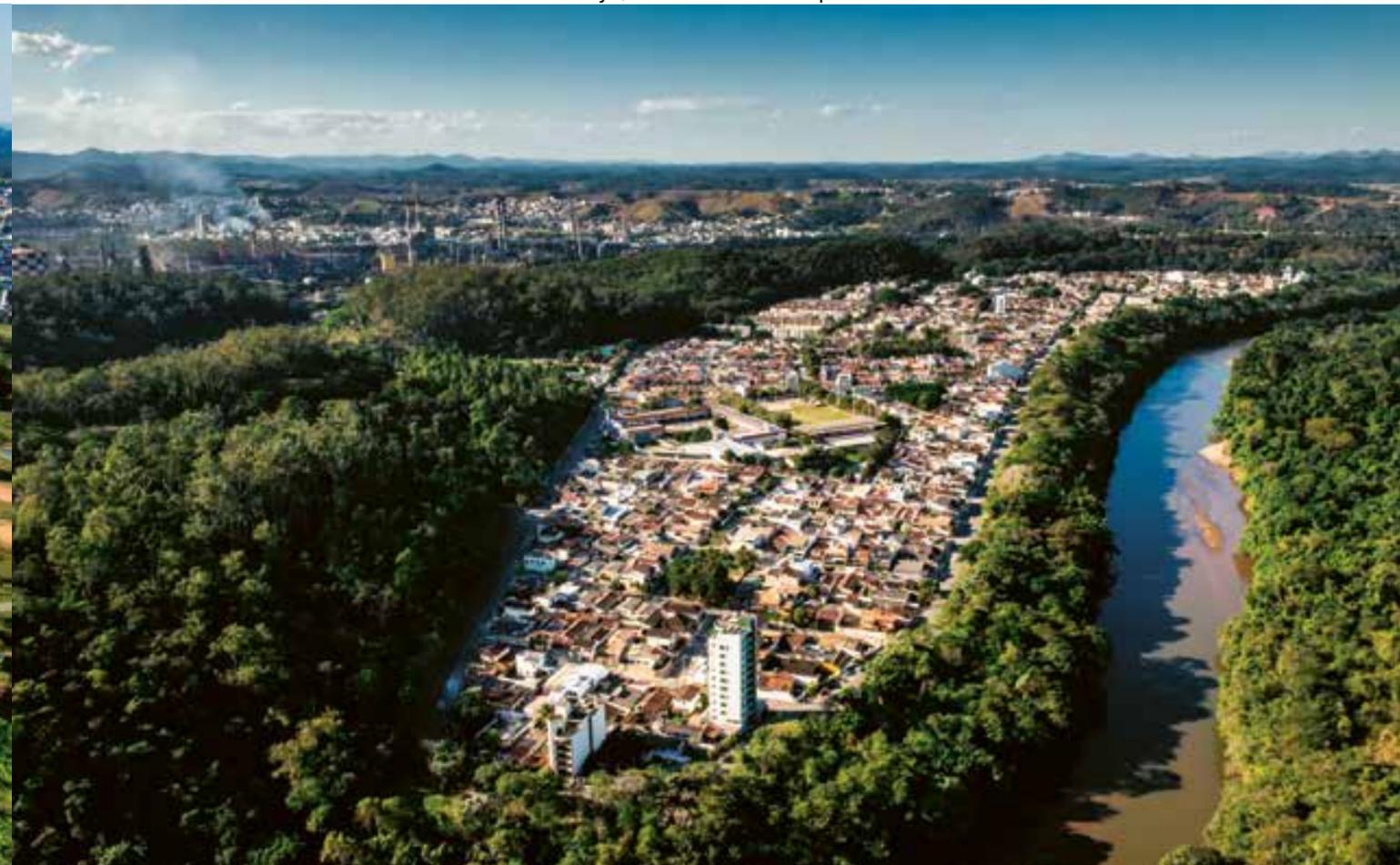
Parque Ipanema, anos iniciais da sua construção. Projetado pelo paisagista Roberto Burle Marx



Construção do bairro Cariru, retrato do planejamento urbano de Ipatinga

Com espaço cedido em comodato pela Usiminas ao município, o Parque Ipanema é considerado a maior área verde urbana de Minas Gerais

Cariru hoje, um dos mais importantes bairros residenciais da cidade

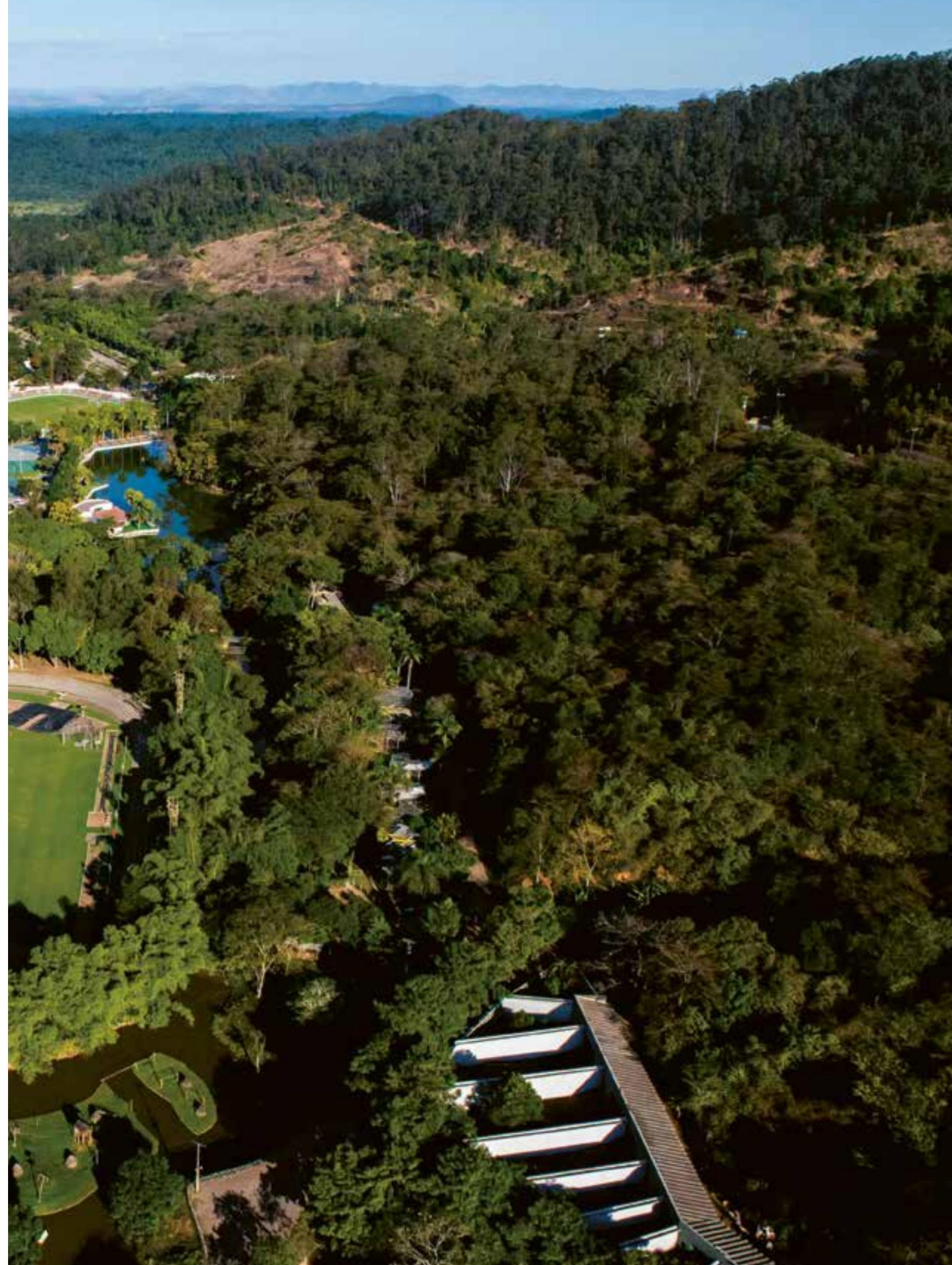




Região da Usipa, bairro Horto,
na década de 1980



A vegetação nativa de mais de 200 hectares
de área foi reconstituída pela Usiminas.
Hoje é reconhecida como Reserva
Particular do Patrimônio Natural (RPPN)





Inaugurado ainda antes do início da operação da usina, o Colégio São Francisco Xavier é construído pela Usiminas para garantir educação de qualidade

Hoje o Colégio São Francisco Xavier segue como referência em educação



As ruínas que conservaram parte da edificação original da Estação de Pedra Mole, em operação durante quatro anos a partir de 1922

No ano de 2019, as Ruínas do Prédio da Estação de Pedra Mole foram restauradas pela Usiminas, recebendo importantes reparos e novas intervenções e aberta para visitação da comunidade





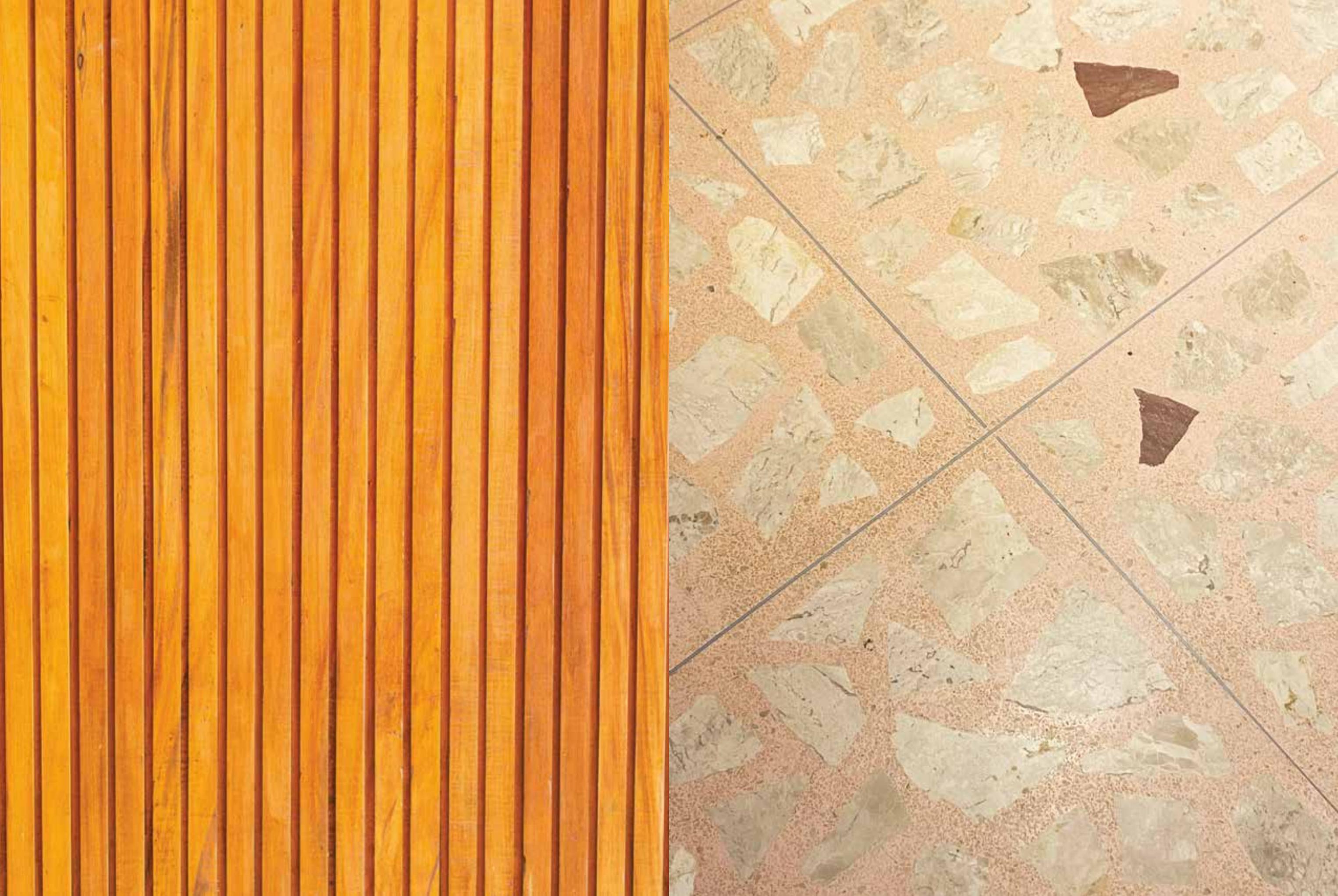
A Usiminas nasceu de um sonho. Um sonho construído por milhares de pessoas. De muitas cidades, estados e países. Nossa gente é forte, diversa, desbravadora, persistente e inovadora. Em cada época, a Usiminas fez, faz e continuará fazendo história, construindo o presente e o futuro.



A Usiminas nasceu de um sonho. Um sonho construído por milhares de pessoas. De muitas cidades, estados e países. Nossa gente é forte, diversa, desbravadora, persistente e inovadora. Em cada época, a Usiminas fez, faz e continuará fazendo história, construindo o presente e o futuro.

NOSSA GENTE



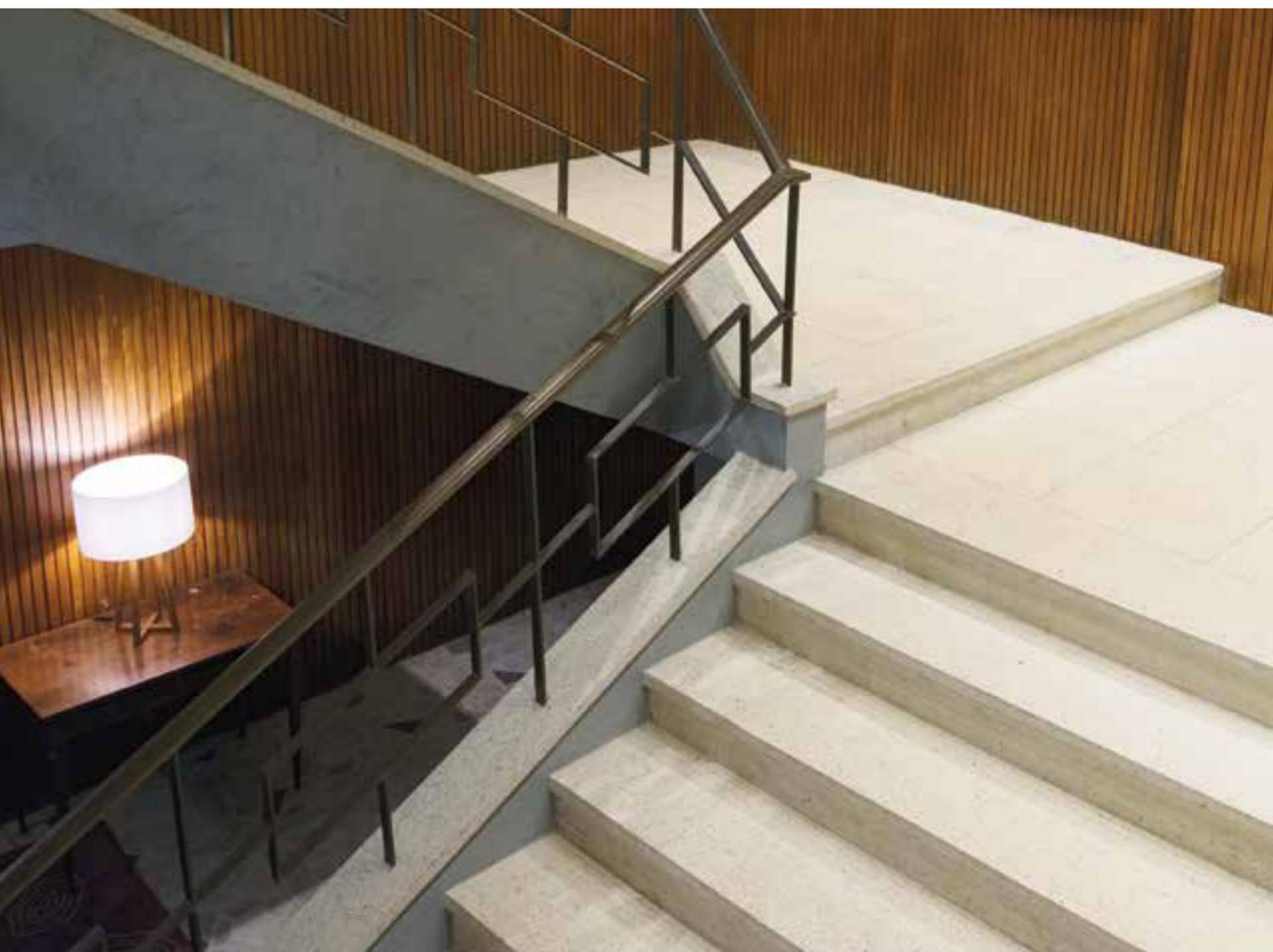


M E M Ó M O D E
R I A R N I S
M O

RAPHAEL **HARDY**

O GRANDE HOTEL DE IPATINGA: O GRANDE FAROL

Podemos imaginar um visitante habitual de Ipatinga ou mesmo um morador que fica sabendo da existência do Centro de Memória na cidade. Ao percorrer o seu caminho usual, ele se depara com esse novo equipamento cultural. A primeira sensação será de estranhamento tentando buscar, em sua memória, como era a construção anterior.





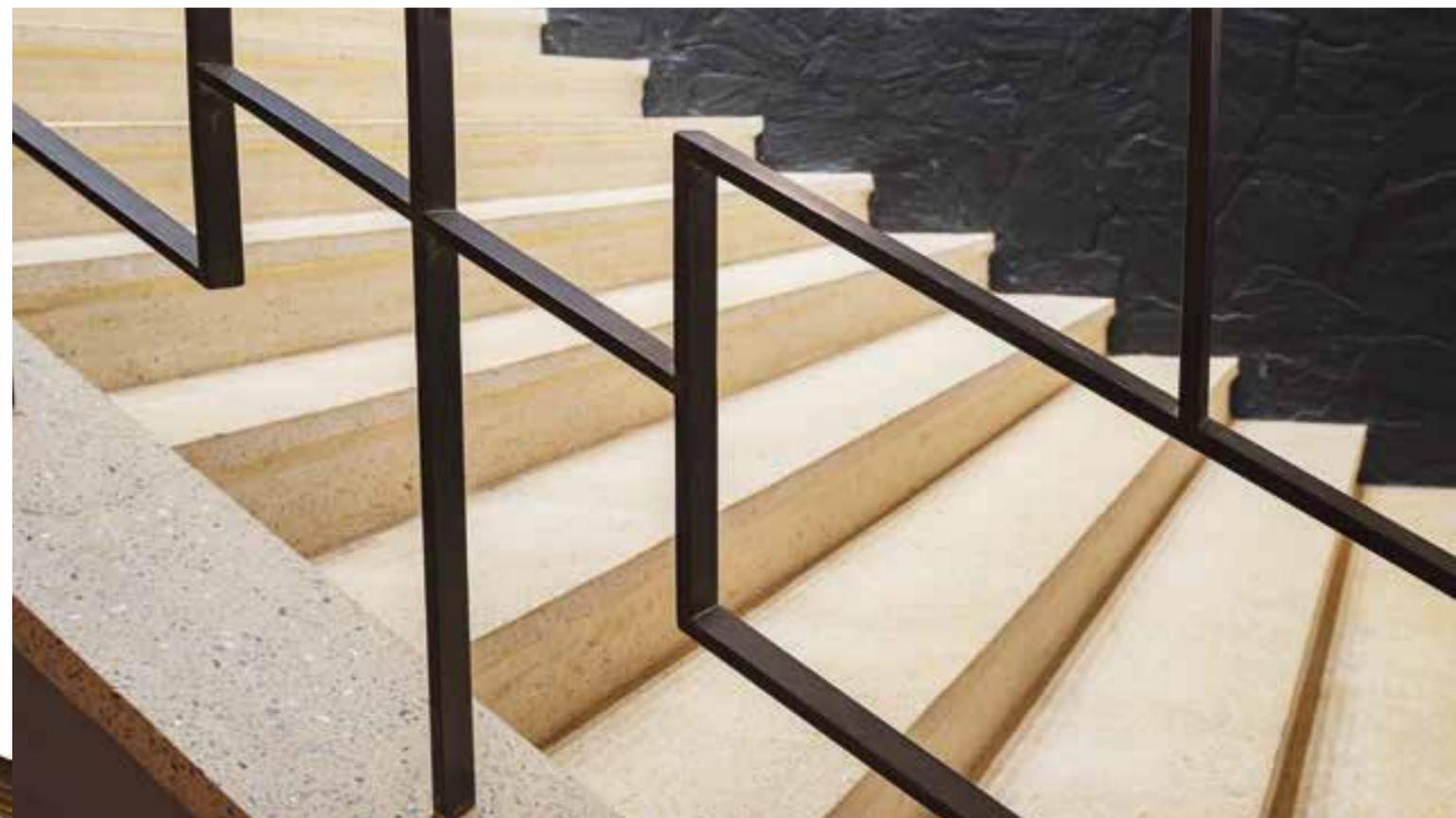
Quem conhece a região, com certeza já ouviu as grandes histórias de personalidades, cantores e figuras públicas que lá se hospedaram. Talvez poucos saibam, mas o Centro de Memória acabou por fechar um ciclo ou, para uma outra percepção, inaugurar um novo. O espaço que ficou silencioso agora é habitado por toda uma sorte de visitantes. Fascinados e emocionados, compartilham novas experiências que são materializadas em sorrisos, fotos e pertencimento. Esse fluxo de ideias, pensamentos e emoções os convida a retornar ao espaço. Já se sentem pertencentes e membros ativos desse grande projeto. Ensaiam convidar os amigos, a família, e se sentem parte integrante desses saberes. Caminham pelos espaços, ensaiam algumas explicações, orgulhosos pela chance de serem os agentes desse processo.

Como parte de retribuição desse afeto e da recepção desse projeto, chegou o momento de um segundo passo, uma ampliação dos saberes. O Centro de Memória partiu de uma aposta de um grupo de sonhadores, que mesmo os mais otimistas não poderiam imaginar, quanto à proporção que alcançaria. Muitos sabem e reconhecem esse protagonismo, mas nunca será demais reafirmá-lo e repeti-lo, como fazemos com aquilo de que sentimos orgulho.

Descentralização da cultura: grande parte dos investimentos e produções culturais ainda está concentrada na capital. A criação de um espaço fora do eixo produtor e consumidor de cultura é extraordinário.

Produções culturais de excelência: oferecer ao público obras de arte e reflexões de grande complexidade cultural e intelectual, desmistificando o preconceito usual de que "arte e cultura não são para todos", que apenas intelectuais conseguem entender esse universo cultural.

Manter um acervo artístico de longa duração, cumprindo as exigências de uma obra de arte: um segundo olhar, uma nova visita.



Esses fatores já seriam suficientes para nos sentirmos realizados como parte de um projeto que está em funcionamento. Na sua formulação, sempre ouvíamos as expressões de ceticismo: em Ipatinga? Centro de Memória? Coleção de arte? Pensando bem, poderíamos encarar essas dúvidas como realismo e não ceticismo. O problema de grandes realizações é que nos acostumamos com essa sensação de realizar o impossível, e nada menos do que isso parece viável. É chegada a hora desse segundo passo, ou seja, demarcar a importância desse espaço, colocando-o em diálogo contínuo com Minas Gerais, o Brasil e o mundo, a partir de uma publicação que, assim como o Centro de Memória, pretende realizar o irrealizável.



Raphael Hardy Filho:

um arquiteto modernista

Raphael Hardy Filho e sua família se mudam para Belo Horizonte na década de 1920, onde, mais tarde, diploma-se como engenheiro arquiteto na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Raphael segue o caminho de seu pai e atua como um grande arquiteto, sendo um dos precursores da Art Decó em Belo Horizonte.



Hardy Filho começa sua trajetória profissional em 1938, sendo auxiliar da Comissão de Obras do Barreiro em Araxá-MG, sob a orientação do também arquiteto Luiz Signorelli, autor do Grande Hotel de Araxá. Volta para Belo Horizonte no ano seguinte e produz inúmeras edificações, entre as quais destacam-se o Fórum Lafayette, a sede do Ipsemg, o edifício residencial Nossa Senhora de Fátima e a antiga sede da Usiminas na Pampulha. Esta última foi projetada junto aos arquitetos Istvan Farkasvolgyi e Álvaro Hardy (Veveco), seu filho.

Teve diversas outras atuações, sendo professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais, membro do Conselho Universitário da UFMG e diretor da Escola de Arquitetura da UFMG, da qual se aposentou em 1977.

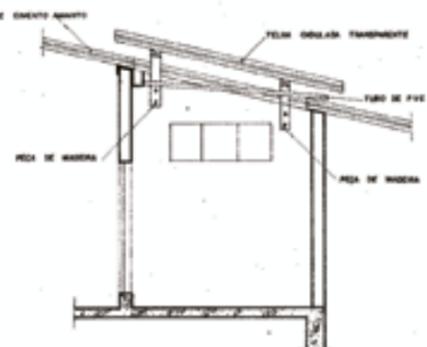
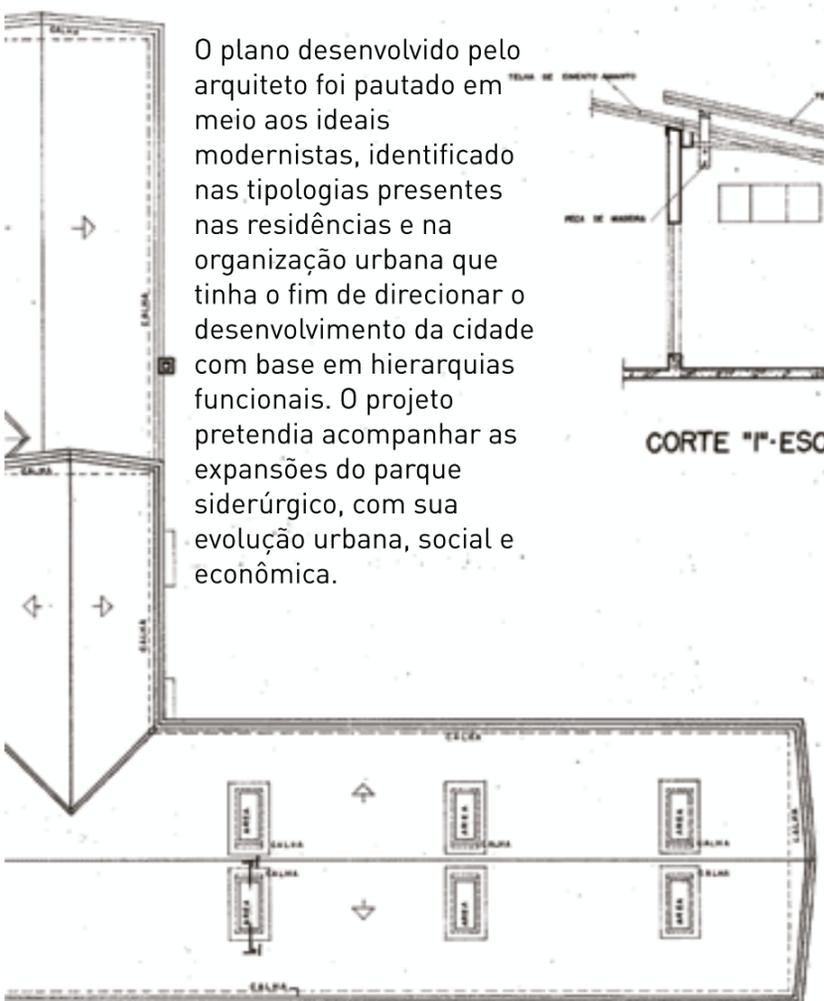
Participou de alguns projetos de planejamento urbano e rural, como a Cidade da Usiminas em Ipatinga-MG, com a colaboração do arquiteto Marcelo Bhering, e também o Plano Urbanístico das Instalações Industriais da Fertiza em Araxá-MG. A formação do núcleo urbano de Ipatinga está associada à própria criação da Usiminas. Antes de sua implantação, essa região era um vilarejo com apenas 300 habitantes. Em 1958, a Usiminas o seleciona para atuar na elaboração do plano urbanístico de Ipatinga, com o objetivo de construir uma vila operária que pudesse atender às demandas dos seus futuros colaboradores.





CENTRO DE MEMÓRIA USIMINAS

NO	DATA	REVISÃO	DESCRIÇÃO
01	30/08/78	ADRESENTADO	CONHECIMENTO
02	10/10/78	RECORRIDADO	ADRESENTADO TÍTULO
03	17/12/78	ADRESC. QUADRA, BAIRRO, CIDADE NO TÍTULO	ADRESC.



CORTE "I" - ESC. 1:20

O plano desenvolvido pelo arquiteto foi pautado em meio aos ideais modernistas, identificado nas tipologias presentes nas residências e na organização urbana que tinha o fim de direcionar o desenvolvimento da cidade com base em hierarquias funcionais. O projeto pretendia acompanhar as expansões do parque siderúrgico, com sua evolução urbana, social e econômica.

A construção do Grande Hotel teve início no ano de 1959, com projeto de Raphael Hardy Filho, com inauguração em 1961. A destinação inicial do Grande Hotel tinha como objetivo receber funcionários e empreendedores do mercado siderúrgico. Sendo um dos marcos do processo de industrialização na cidade de Ipatinga, o edifício está localizado no bairro Castelo, com proximidade ao centro comercial de Cariru. Hardy Filho deixou inúmeros marcos que podem ser vistos até hoje e pertenceu à geração que se formou a partir da década de 1940, na qual se destacaram os arquitetos Fontenelle e Shakespeare, que deixaram marcas nas gerações dos anos 50 e 60 (SOUZA, 1988).

UNID. CIDADE: SQ-8116

PROJETO: USIMINAS

QUADRA Nº 07 - BAIRRO CASTELO - IPATINGA - MG

C O B E R T U R A

GRANDE HOTEL

UNID. CIDADE	VISTO	APROVADO	ESCALAS	EM SUBST. A.	PROJETO Nº	FORM. OBRIGATORIA
EM			1:200	SUBST. POR	167	

SQ-8116 C-90023

Como pudemos ver, a obra de Hardy Filho foi muito significativa no período, tendo também influenciado as gerações contemporâneas. Com poucos anos de formado, ele venceu o concurso para o projeto do ginásio coberto do Minas Tênis Clube. Porém, seu trabalho de maior destaque para essa curadoria é a construção do Grande Hotel Usiminas, que recebeu inúmeros nomes importantes do mercado siderúrgico durante anos, foi desativado em 2000, permanecendo fechado por 20 anos e, agora, abriga o Centro de Memória Usiminas.





CENTRO DE MEMÓRIA USIMINANA

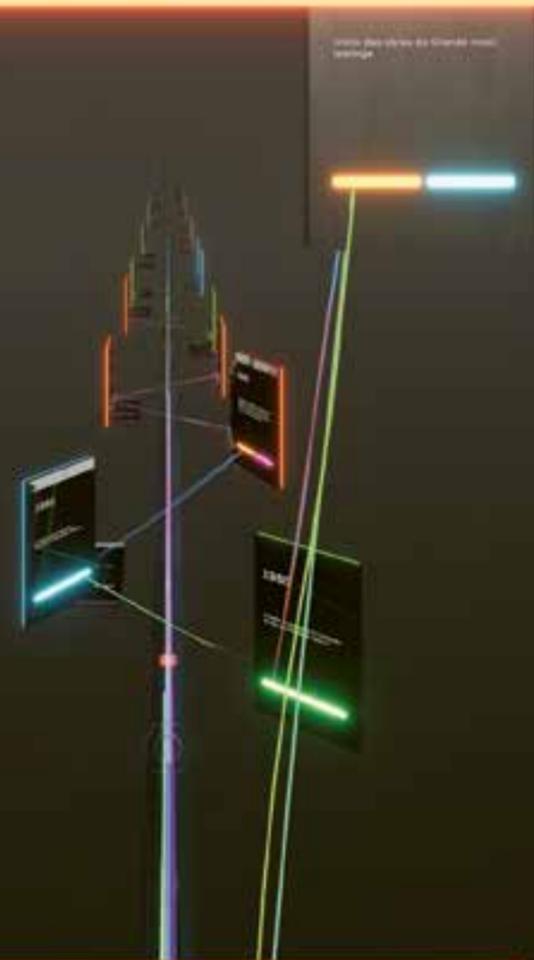


1959

O Grande Hotel Ipatinga foi projetado pelo arquiteto Rafael Hardy e fez parte da infraestrutura montada pela Usiminas, para receber funcionários e empreendedores do mercado siderúrgico. Teve sua obra iniciada em 1959 e concluída em 1961. Representa um dos marcos do processo de industrialização da cidade. (Lei 1762 de 24/03/2000)



Inauguração da Igreja Nossa Senhora da Esperança, no Horto



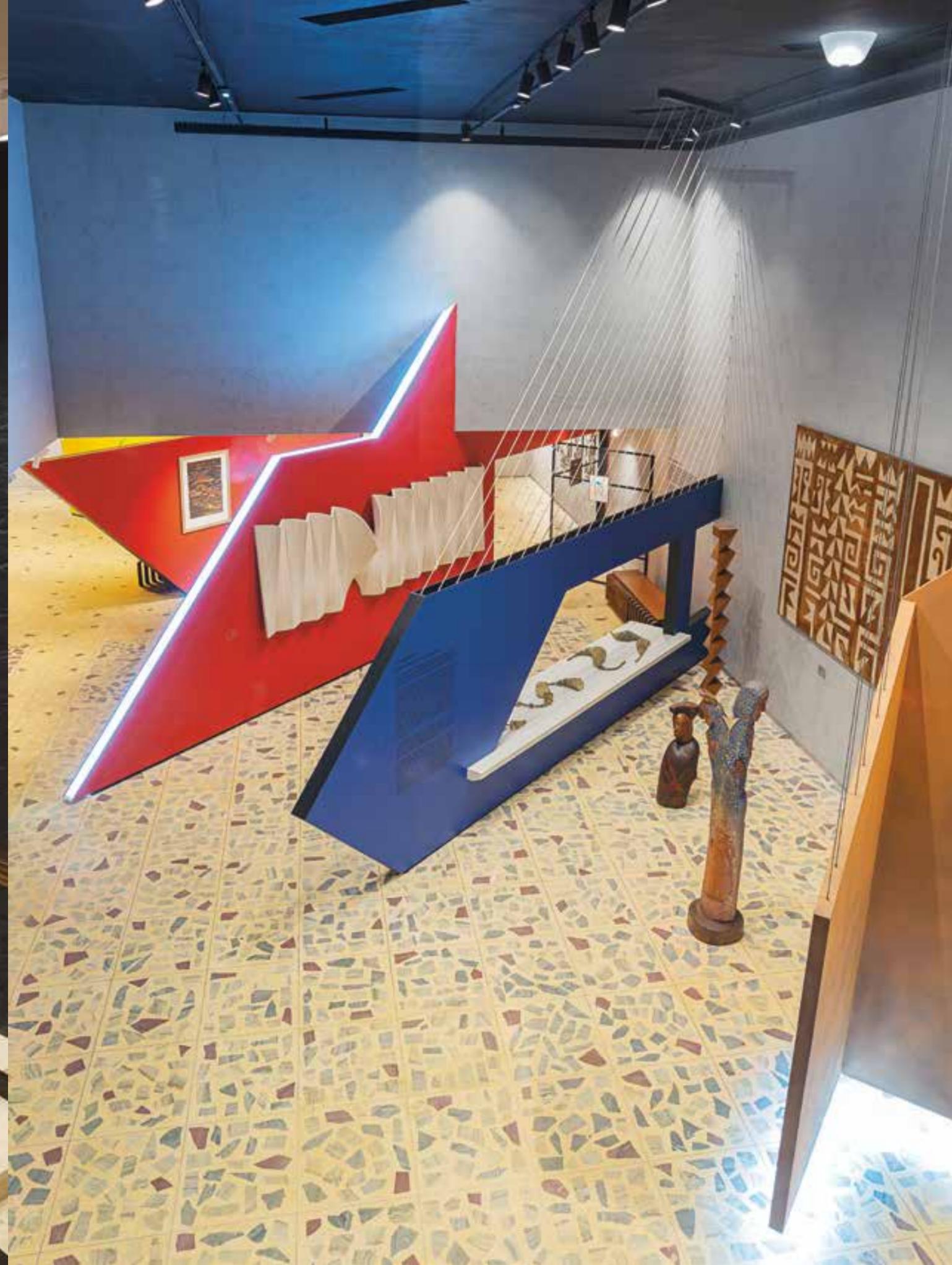
1959

Inauguração da Igreja Nossa Senhora da Esperança, no Horto

1961

1962





A Usiminas, ao longo de sua trajetória, reuniu obras de grandes artistas brasileiros. O investimento em ações culturais pela Usiminas já é de longa data, mas especificamente em relação ao seu acervo artístico, houve interesse crescente em torná-lo público a partir da Exposição Coleções em Diálogo, realizada no Centro Cultural Usiminas em 2019. A mostra colocou em diálogo três coleções importantes, que não estavam abertas de forma permanente à visitação pública: Museu de Arte da Pampulha, Acervo Artístico da UFMG e da Usiminas.

A partir dessa exposição, a reunião das obras reforçou a importância de não privar ao público o acesso às obras de arte. Apesar da relevância das obras e artistas colecionados, o desafio foi construir uma proposta curatorial que valorize os artistas e obras individualmente, em uma narrativa do conjunto, comprometida com as pesquisas desenvolvidas no campo da história da arte e com o diálogo com o público.

Boa Visita!



CAMINHOS DA TRIDIMENSIONALIDADE

A coleção de arte da Usiminas pode ser dividida considerando tanto os aspectos que caracterizam sua inserção na história da arte como também em suas linguagens. Nesse caminho, podemos elencar representantes do Modernismo brasileiro: Bruno Giorgi, Alfredo Ceschiatti, Inimá de Paula, Yara Tupynambá, Chanina; Abstração Geométrica: Franz Weissmann, Amilcar de Castro, Maria Helena Andres; Abstração Lírica: Arcângelo Ianelli, Roberto Kenji Fukuda, Tomie Ohtake; Vanguarda e pós-vanguarda: Manoel Serpa, Manfredo Souzanetto, Farnese de Andrade, Amélia Toledo, Carlos Scliar; Contaminações e Híbridismos: Mário Azevedo, Marcos Coelho Benjamin, Jayme Reis, Marco Túlio Rezende.

Apesar da representatividade das obras individuais, não existia uma coerência no conjunto da coleção que possibilitasse sua organização em uma linha do tempo. Nesse sentido, investimos nas afinidades entre as obras buscando as possibilidades de diálogo: formais, temáticas e de movimentos artísticos.

Assim, a exposição foi organizada em três grandes salas.

A primeira, denominada Caminhos da Tridimensionalidade, é composta por esculturas e objetos que foram divididos nos módulos Diálogos Íntimos com o Espectador, Intersecções Espaciais e Desejos Narrativos.

Na sala Figurativo, Não Figurativo e Matéria, temos experiências que foram organizadas nos módulos Representações do Visível, Entre a Razão e o Sensível e Adesão e Incorporação. Encerrando nosso percurso, a sala Híbridismos e Contaminações conta com obras que dialogam com as noções contemporâneas de expansão e não categorização em modalidades artísticas.



Il presente lavoro è stato realizzato nel 1968, in occasione della mostra "L'arte e il design" a Milano, curata da Cesare Brandi. L'opera è un'opera di design, che si inserisce nel contesto dell'arte e del design del periodo. L'opera è un'opera di design, che si inserisce nel contesto dell'arte e del design del periodo. L'opera è un'opera di design, che si inserisce nel contesto dell'arte e del design del periodo.

DIÁLOGOS ÍNTIMOS COM O ESPECTADOR:

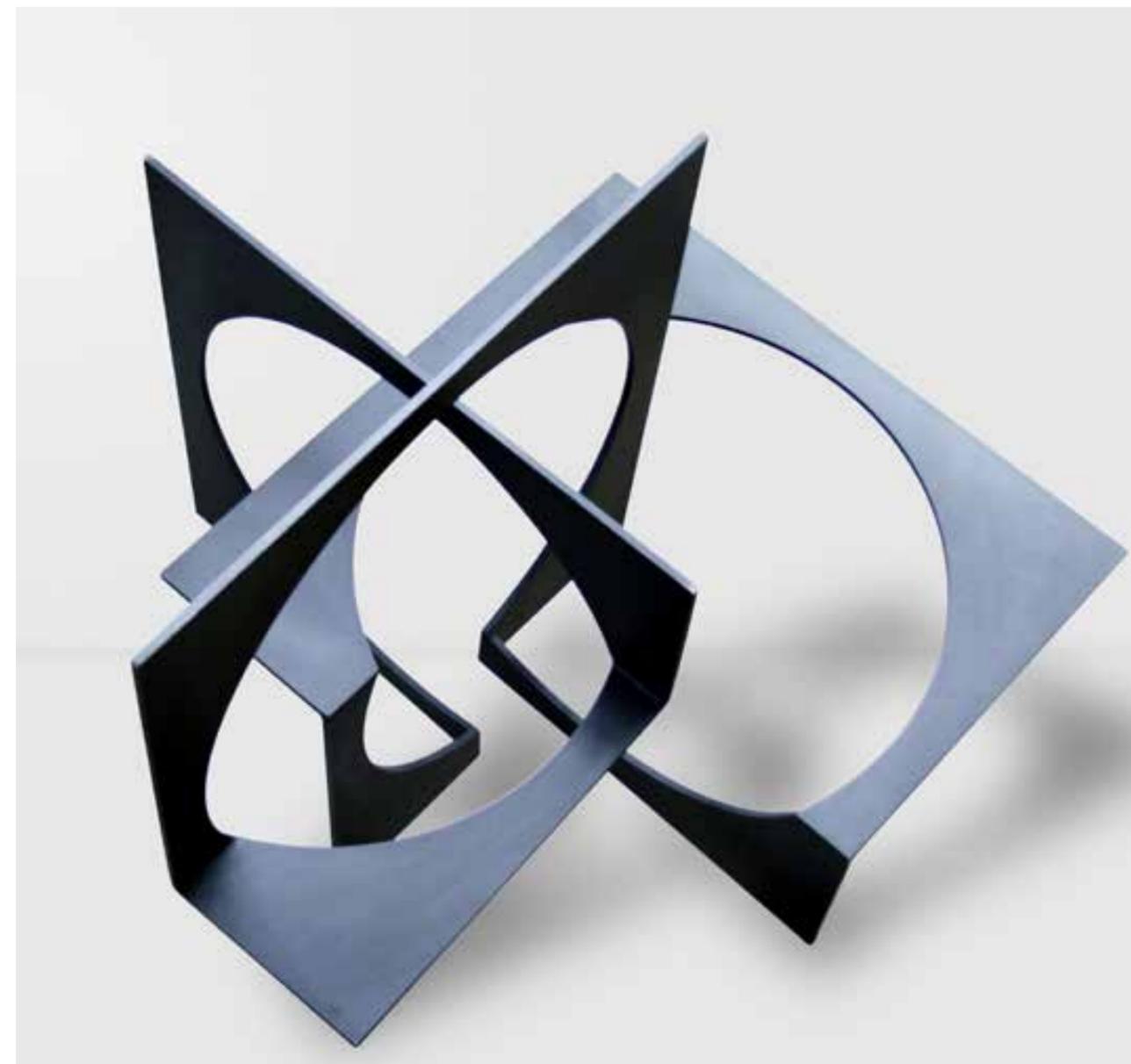
dinâmicas do
movimento

No presente módulo, encontramos um conjunto de esculturas nas quais o sentido é produzido a partir da experiência prática do visitante com as obras, por meio da observação das características imanentes destes objetos: gesto, movimentos e a construção das formas no espaço tridimensional. Estas esculturas estão relacionadas a percepção de um aspecto primário e fatural, possibilitando significações expressivas: ao identificarmos os elementos formais, somos capazes de reconhecer sensações, gestões e ações, como por exemplo, os movimentos que conduzem a ação de dançar ou tocar um instrumento.

O desafio na produção de uma escultura consiste na transformação de uma matéria de natureza estática em um objeto que se desenvolve na temporalidade e na sensação do movimento. Existem dois aspectos fundamentais na constituição da escultura: a própria matéria que a constitui e que preserva características fixas de sua natureza, como a fibra, a textura, o brilho da madeira, do ferro ou do alumínio e o movimento relativo, que se estabelece na interação corpórea entre observador e obra.

Nesse movimento, a compreensão fragmentária em apenas uma vista é gradativamente preenchida quando o visitante circunda a obra. Um exemplo dessa proposta pode ser encontrado na obra Mulher, de Bruno Giorgi, em que o corpo da figura é gradualmente percebido quando o espectador observa seus diferentes ângulos.

É necessário destacar que alguns escultores produziram obras não figurativas como, por exemplo, o grande escultor Franz Weissmann, que explorava o conceito de vazio ativo em suas obras. Os espaços vazios ou incompletos oferecem um convite para que o espectador os preencha mentalmente.



FRANZ WEISSMANN

S/ título

ESCULTURA - Aço pintado
87 x 120 x 112 cm



BRUNO GIORGI
Mulher

ESCULTURA – Bronze fundido
59 x 56 x 35,5 cm

INTERSEÇÕES

ESPACIAIS: escultura, arquitetura e design

As esculturas sempre estiveram em contínua relação com o espaço circundante e muitas vezes cumprindo funções estruturais com a arquitetura. O objetivo não era da subordinação da escultura à arquitetura, mas sim um processo de diálogo e integração. Nesse sentido, possuímos algumas experiências como a do Anjo de Alfredo Ceschiatti, feito com duralumínio e realizado, inicialmente, como um conjunto de três anjos para a Catedral de Brasília. Há um diálogo não só entre obra e arquitetura, mas também entre as esculturas, através da volumetria das roupas, do movimento dos corpos e das posições que ocupam no espaço.

A obra de Ceschiatti dialoga com o anjo posicionado no meio da Catedral de Brasília, mas as diferenças de escalas permitem outras experiências. O Anjo presente na exposição possui 1,20 x 50 centímetros, enquanto os que ocupam a Catedral de Brasília possuem entre 4,45 metros e 2,22 metros.

No momento em que a escala muda, muda também sua relação com o espectador: enquanto a escala monumental coloca o espectador em uma posição de fragilidade, aqui nos é ofertada a possibilidade de percorrer e perceber detalhes antes não perceptíveis. Com a alteração das proporções, o jogo perceptivo também muda. Nos anjos de Ceschiatti, a escala monumental permite uma percepção da verticalidade dos corpos de forma alongada principalmente tendo em vista sua instalação no alto da catedral sustentada em cabos de aço. A obra Guerreiros de Bruno Giorgi, também presente na exposição, é outro ótimo exemplo: possui 70 x 30 x 8 centímetros, enquanto ocupa, com 8 metros de altura, a Praça dos Três Poderes, em Brasília.

Há um segundo discurso dentro dessa modalidade - que se evidencia nos trabalhos de Paulo Laender, Marcos Coelho Benjamim e Ascânio MMM - no qual esse processo de diálogo resulta em uma integração da obra com o espaço, de forma orgânica e produzindo a sensação de que os objetos de fato foram realizados para aquele lugar.



BRUNO GIORGI
Guerreiros, 1992

ESCULTURA – Bronze fundido
70 x 30 x 8 cm



Informazione
L'opera è stata realizzata nel 1968 e rappresenta un'opera di grande importanza per l'artista. È un'opera di grande importanza per l'artista. È un'opera di grande importanza per l'artista. È un'opera di grande importanza per l'artista.



Informazione
L'opera è stata realizzata nel 1968 e rappresenta un'opera di grande importanza per l'artista. È un'opera di grande importanza per l'artista. È un'opera di grande importanza per l'artista. È un'opera di grande importanza per l'artista.



ASCÂNIO MARIA MARTINS MONTEIRO
S/ título

OBJETO – madeira e tinta
400 x 120 cm



LILIZA MENDES
S/ título

OBJETO - Cerâmica

1a peça: 116 x 14 cm
2a peça: 112 x 12,5 cm



PAULO LAENDER
Relevo Circular Azul, 1995

OBJETO - Madeira e tinta
160 diâmetro x 7 cm

DESEJOS NARRA TIVOS

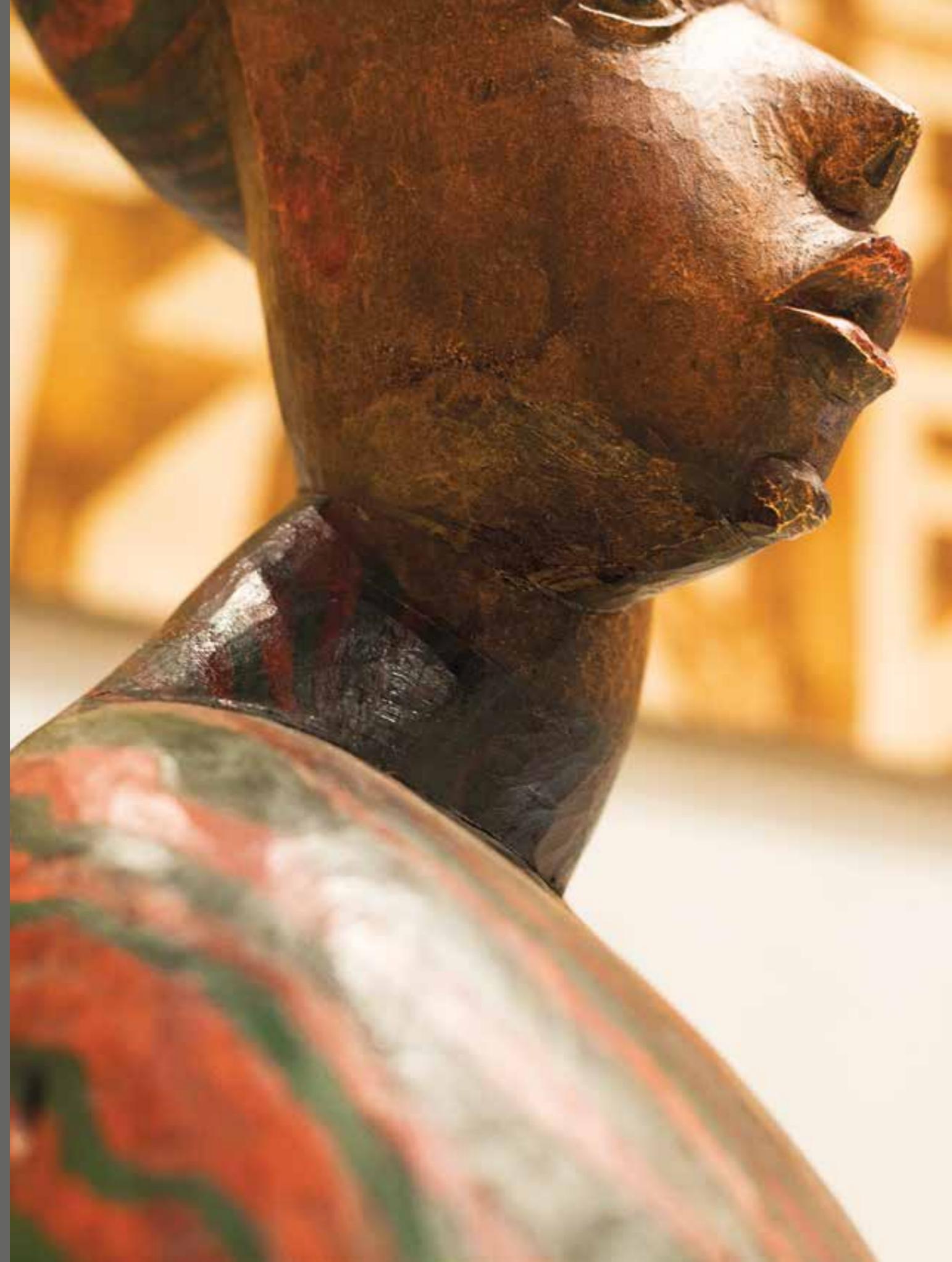
narrativas
simbólicas,
étnicas e
religiosas

Neste módulo encontramos obras cujas estruturas são desenvolvidas por um plano narrativo religioso, alegórico ou mítico, ultrapassando os aspectos meramente formais.

Obras como a de Lêda Gontijo e Maurino Araújo oferecem distintas possibilidades de construção de sentido a partir do trabalho com a madeira, material comumente utilizado por artistas populares e que ganhou sentido para a produção contemporânea. O processo de construção da obra ganha sentido no material, cuja imagem já se encontra nele, e se revela pelas mãos do artista e pelas ações do tempo. Esse processo pode ser encontrado nas obras tanto de Lêda Gontijo como também de Maurino Araújo, mas com objetivos representacionais distintos. Enquanto Gontijo constrói imagens em diálogo com o universo cristão, Araújo direciona seu trabalho às matrizes africanas.

A produção de significado se dá pelo conhecimento das narrativas religiosas (iconografia) e simbólicas, ou seja, as significações não se dão pela experiência prática primária, mas pelas conexões identitárias ou culturais.

O simbolismo da narrativa étnica em Jorge dos Anjos se aproxima de Maurino Araújo que, neste caso, se constitui pelos padrões e símbolos arquetípos. A escolha do material (o metal) por Anjos também é carregada de um sentido associado a um saber ancestral. Parte significativa dos povos africanos trazidos no processo diaspórico para o Brasil vieram de regiões que desenvolviam trabalhos com o metal. Jorge dos Anjos desenvolve em seu trabalho uma conexão entre essa tradição e a arte contemporânea.





MAURINO DE ARAÚJO
Homem

ESCULTURA em madeira e
policromia
94 x 37 x 32 cm





JORGE DOS ANJOS

S/ título

PINTURA - oxidação/tinta sobre tela. Díptico
200 x 195 cm / 200 x 180 cm







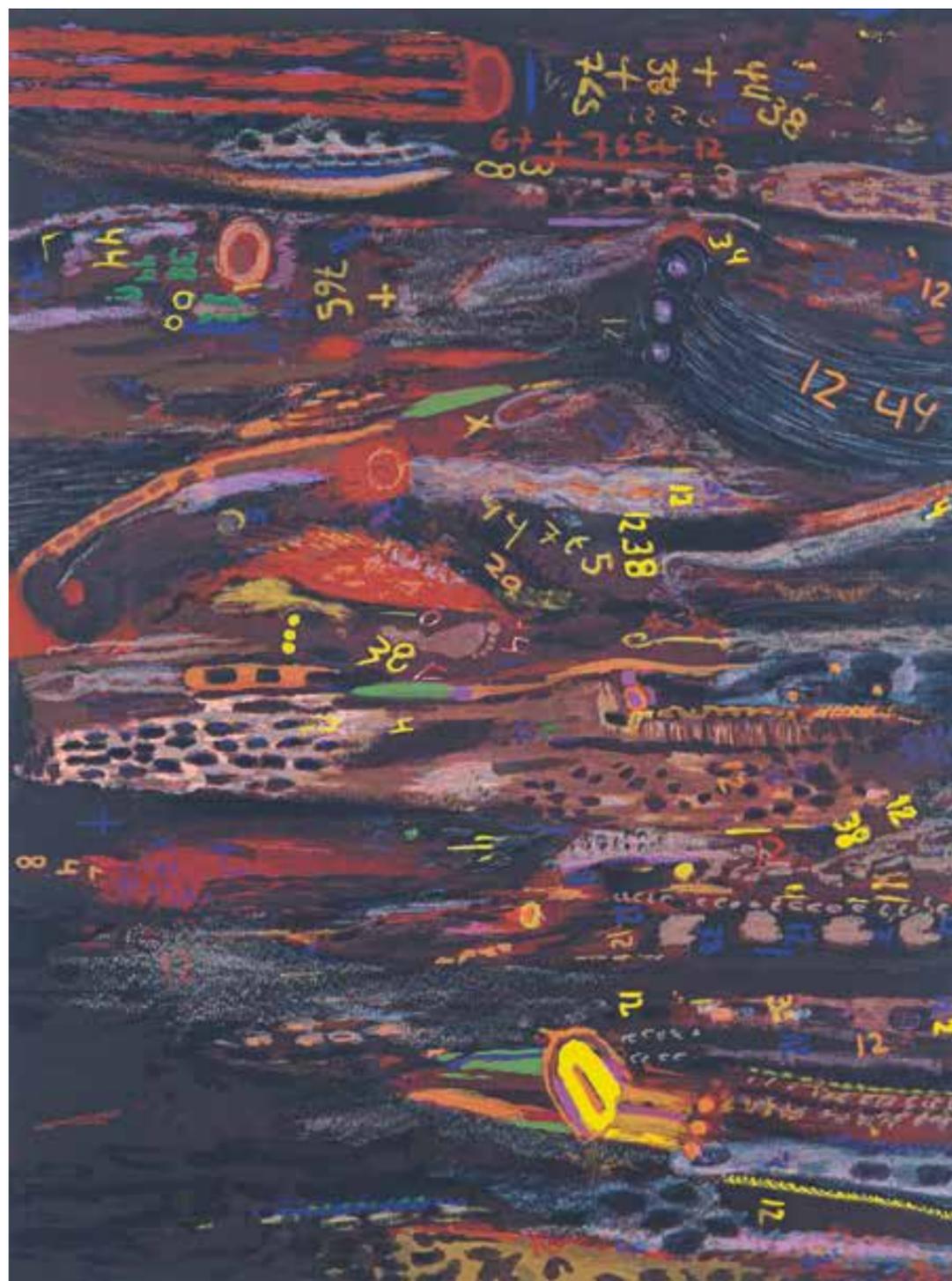
OS CAMINHOS DA REPRESENTAÇÃO

Durante séculos, coube à pintura o protagonismo de representar o mundo, seja no campo do visível ou crível. No primeiro concebemos cenas de paisagens, retratos e autorretratos. Mesmo com um caráter de “invenção” que nunca abandonou os artistas, era desejável a aproximação entre obra e referente. O segundo está ligado aos artistas responsáveis por materializar e tornar visível o crível, pertencente às narrativas bíblicas e mitológicas, as histórias dos santos. A aproximação com a matemática foi fundamental para a construção da perceptiva que permitia que uma pintura bidimensional oferecesse a ilusão de três dimensões.

A representação figurativa gradativamente deixou de ser o principal elemento de representação do mundo visível com a invenção e popularização de tecnologias como a fotografia. Neste processo, os artistas criaram uma infinidade de novas técnicas e formas de representação que passaram a tensionar os códigos de percepção visual existentes, tanto em obras que possuem elementos figurativos, quanto em obras abstratas.

Neste módulo são apresentadas produções de pinturas, desenhos e gravuras que se utilizam dos elementos figurativos como recurso, mas que não têm por objetivo a ilusão nem a identificação direta ao real e, da mesma forma, encontramos obras abstratas que nos impõem um olhar específico para as cores, formas e a própria matéria que as constitui. Tais obras são tidas como a experiência de equilíbrio entre a razão e o sensível ou como formas, suporte e matéria que se tornam protagonistas para além da construção de figuras.





SIRON FRANCO

S/ título, 1993

GRAVURA - serigrafia sobre papel
110 x 86 cm



INIMÁ DE PAULA

S/ título, 1970

DESENHO - Sanguínea sobre papel
49 X 64 cm

REPREEN TAÇÕES DO VISÍVEL: a figuração

O termo figurações designa o desejo da produção de obras capazes de representar o mundo visível. Compreendidos nesse universo, podemos encontrar os principais artistas do mundo da arte. Especificamente nesse módulo, o visitante poderá encontrar artistas que buscaram pela estilização das formas do desenho a construção de um espaço lúdico, como encontramos nas obras de Chanina.

As figuras podem também estar dispostas como colagens, produzindo universos oníricos, como nas figuras flutuantes de Fernando Pacheco. A organização de estruturas modulares, em cores chapadas, nos remete a uma cidade que temos a certeza de termos visitado, algo bem expressado no trabalho de Carlos Scliar.

Formas expressivas no espaço figurativo podem produzir sensações diversas. Sejam elas pela utilização de escalas de preto e cinza, remetendo a um imaginário de medo, como na proposta das Lendas Brasileiras, de Yara Tupynambá, ou mesmo de vivacidade nas variações cromáticas e gestos rápidos, encontrados na fábrica de Carlos Bracher.

Independentemente do material e do movimento artístico ao qual estas obras pertencem, a existência da figura é o que estabelece as aproximações entre elas, e é por meio dela que o espectador acessa o real ou a representação deste.



CARLOS SCLiar
S/ título, 1994

PINTURA - Vinil e colagem / encerados sobre tela
e colados em madeira
75 x 55 cm



CHANINA Luwiz Szejnbekn
Anjo a cavalo

DESENHO sobre papel
28 X 22 cm



YARA TUPYNAMBÁ

Série Lendas Brasileiras, 1970

GRAVURA - Xilogravura sobre papel

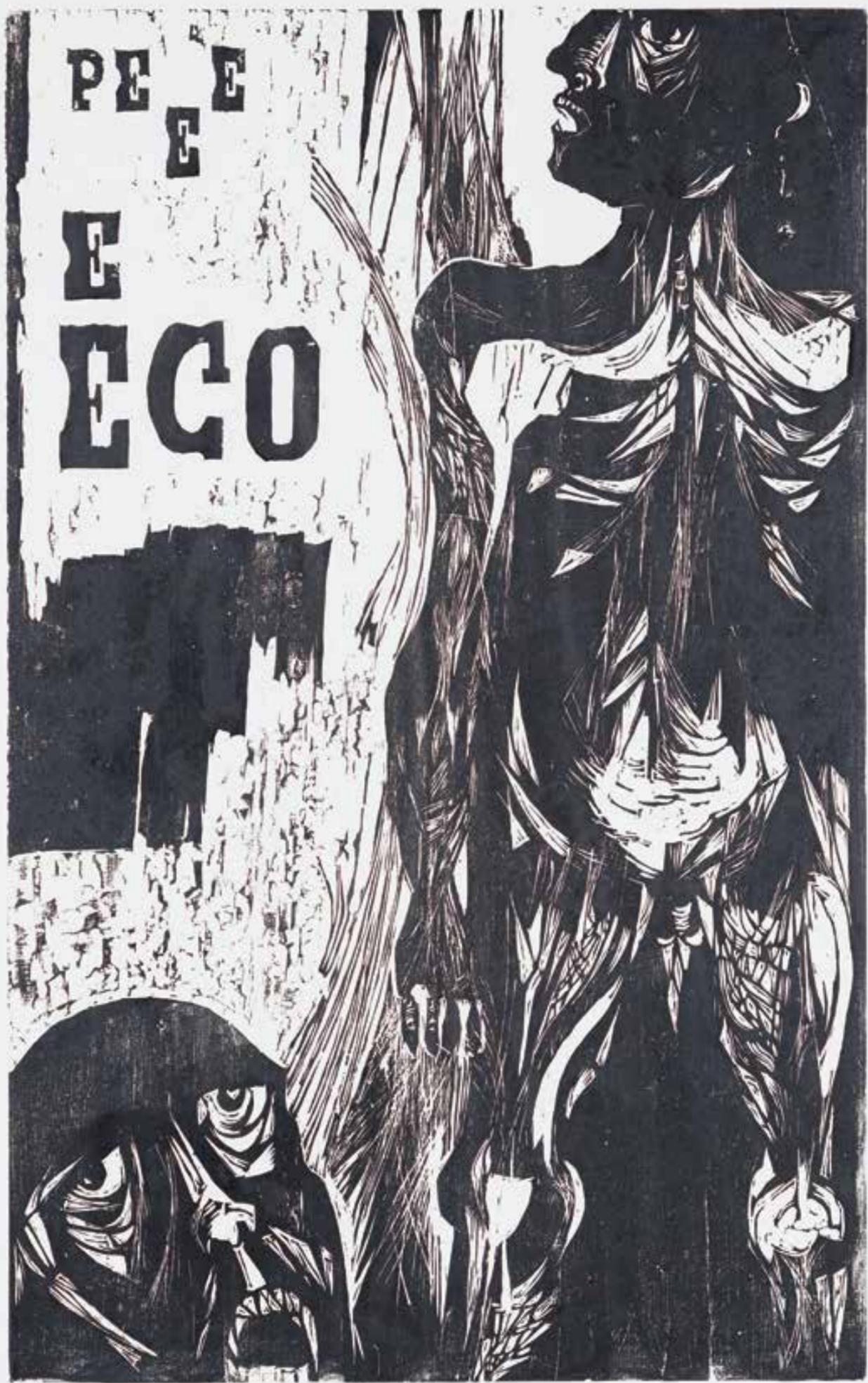
Mani-mandioca - 66 cm x 77 cm

Lobisomem - 60 cm x 70 cm

Amazonas - 60 cm x 70 cm

Assombração - 96 cm x 60 cm

Mãe d'água - 60 cm x 70 cm





CARLOS BRACHER

S/ título, 1994 PINTURA – óleo sobre tela - 162 x 93 cm



NELLO NUNO

Copo de leite impressão, 1974

PINTURA – óleo sobre tela
45 x 37 cm



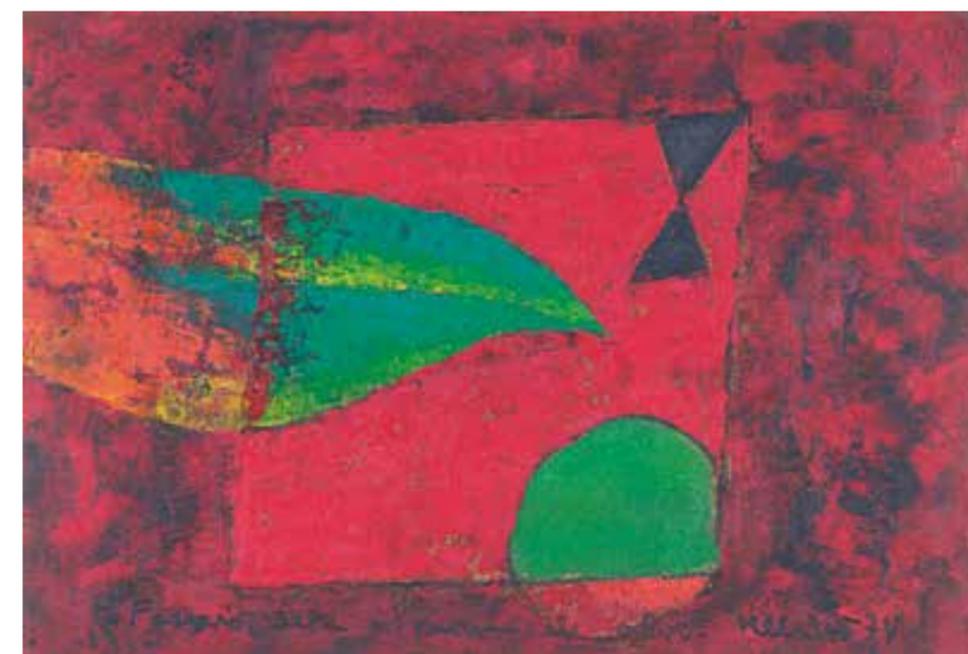
CARLOS BRACHER

S/ título, 1994 PINTURA – óleo sobre tela - 162 x 93 cm



Pássaro seta a procura de alvo, 1974

PINTURA – óleo sobre eucatex
39 x 48 cm





ENTRE A RAZÃO E A IMAGINAÇÃO: arte não figurativa

A história da pintura não figurativa foi construída a partir de uma rede complexa do desenvolvimento da arte moderna. Gradativamente, os artistas buscaram produzir obras sem condicionamentos históricos, religiosos ou mitológicos, optando por uma perspectiva do campo sensível. Surgiram neste processo as aproximações com a música instrumental, que consegue pela melodia e ritmo construir diálogos sensíveis. A similaridade entre estes dois campos, inclusive, permite associações em relação ao tom, ritmo, cromatismo e harmonia.

A partir da década de 1950, dois movimentos ficaram mais conhecidos no Brasil: Grupo Ruptura, organizado a partir do concretismo, visando um pensamento matematizado, formas simplificadas e aproximação com a ciência, com artistas situados em São Paulo, e Grupo Frente, localizado no Rio de Janeiro, que visava a produção de obras que valorizassem o processo do fazer artístico, as noções de experiência e o campo sensível. Apesar da relevância desses dois movimentos, atualmente a historiografia considera um terceiro movimento denominado Abstração Lírica de igual relevância. Com grande influência de artistas de origem japonesa, valorizam o gesto, as cores e a liberdade de criação.

Tomie Ohtake é uma das grandes representantes da abstração lírica que podemos visitar na exposição. Sua pintura se constrói em uma grande superfície cromática com a mistura de várias cores, sobressaindo o amarelo. Sobre ele, um gesto em movimento preenche a quase totalidade da superfície pictórica produzindo a vibração das cores.

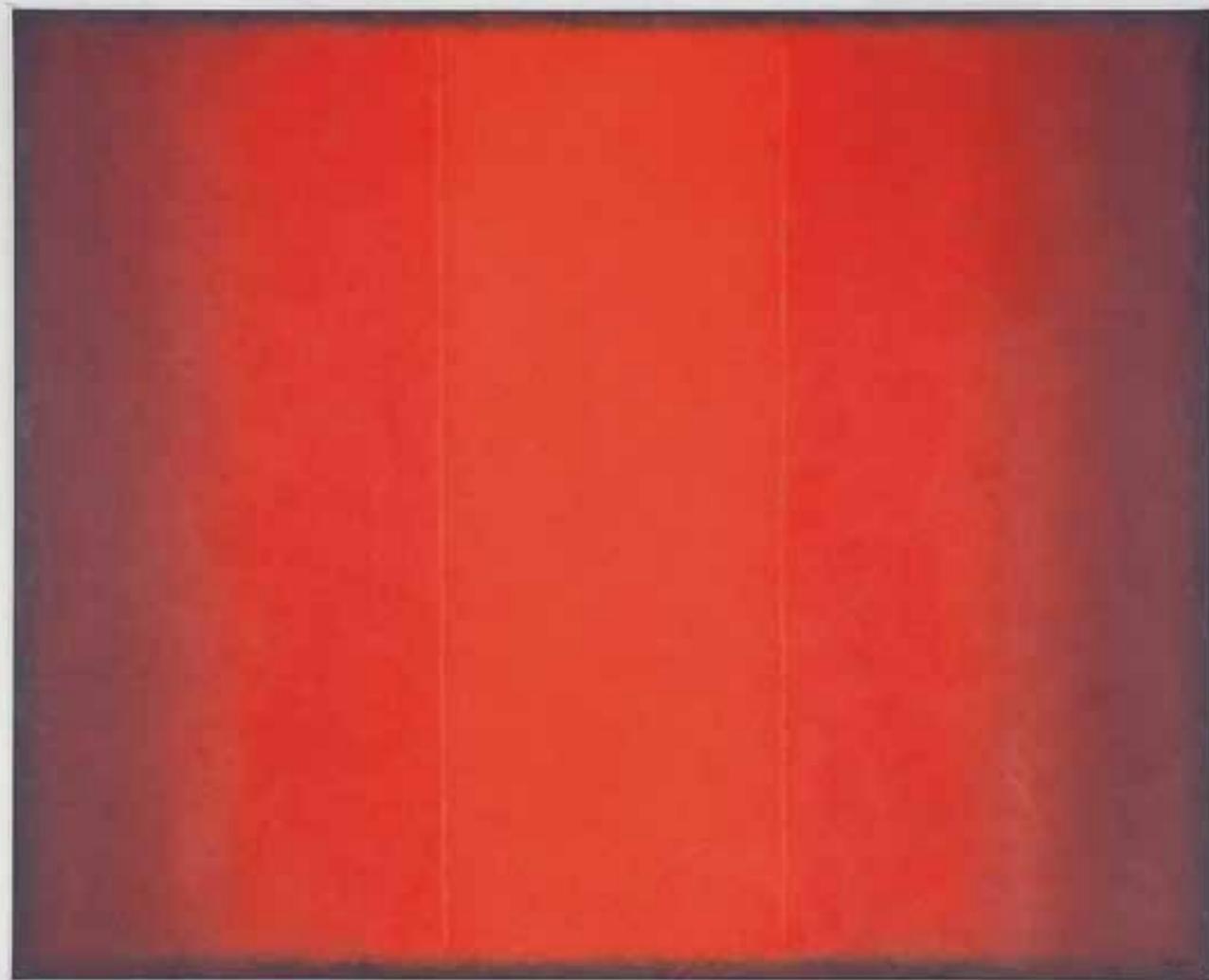
Amílcar de Castro, com sua obra em grande formato, possibilita à nós acompanhar o gesto do artista. A obra pode ser vista tanto na vertical quanto na horizontal, mas as experiências são distintas. Percebemos as cerdas do grande pincel que toca a tela e que realiza seu longo caminho.



FARNESE DE ANDRADE

S/ título, 1964

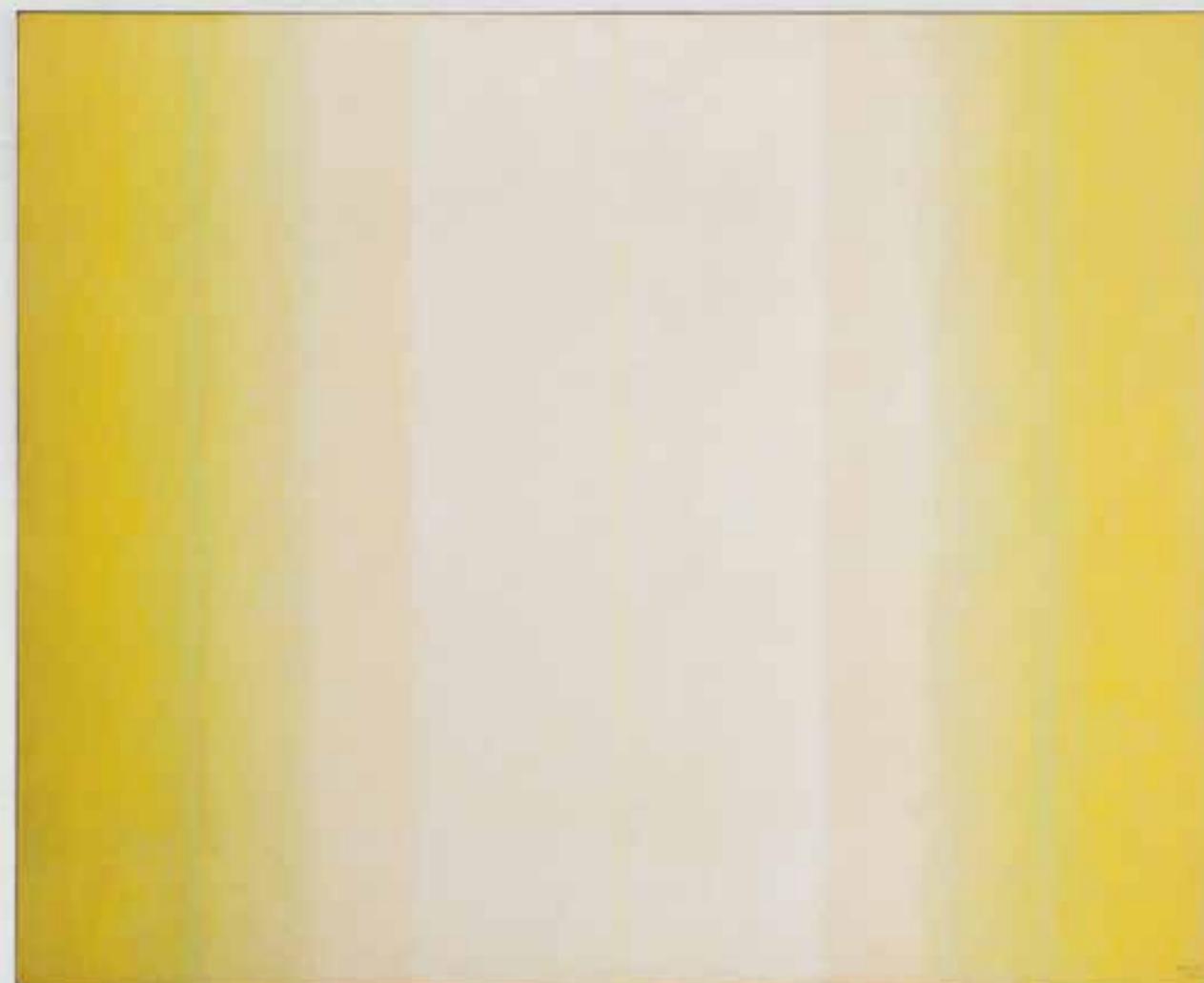
TÉCNICA MISTA – cera, papel, tinta acrílica e
nanquim encerados sobre cartão
70 x 50 cm



ARCANGELO IANELLI

Vibração cromática em vermelho, 2002

PINTURA sobre tela
146 x 188 cm

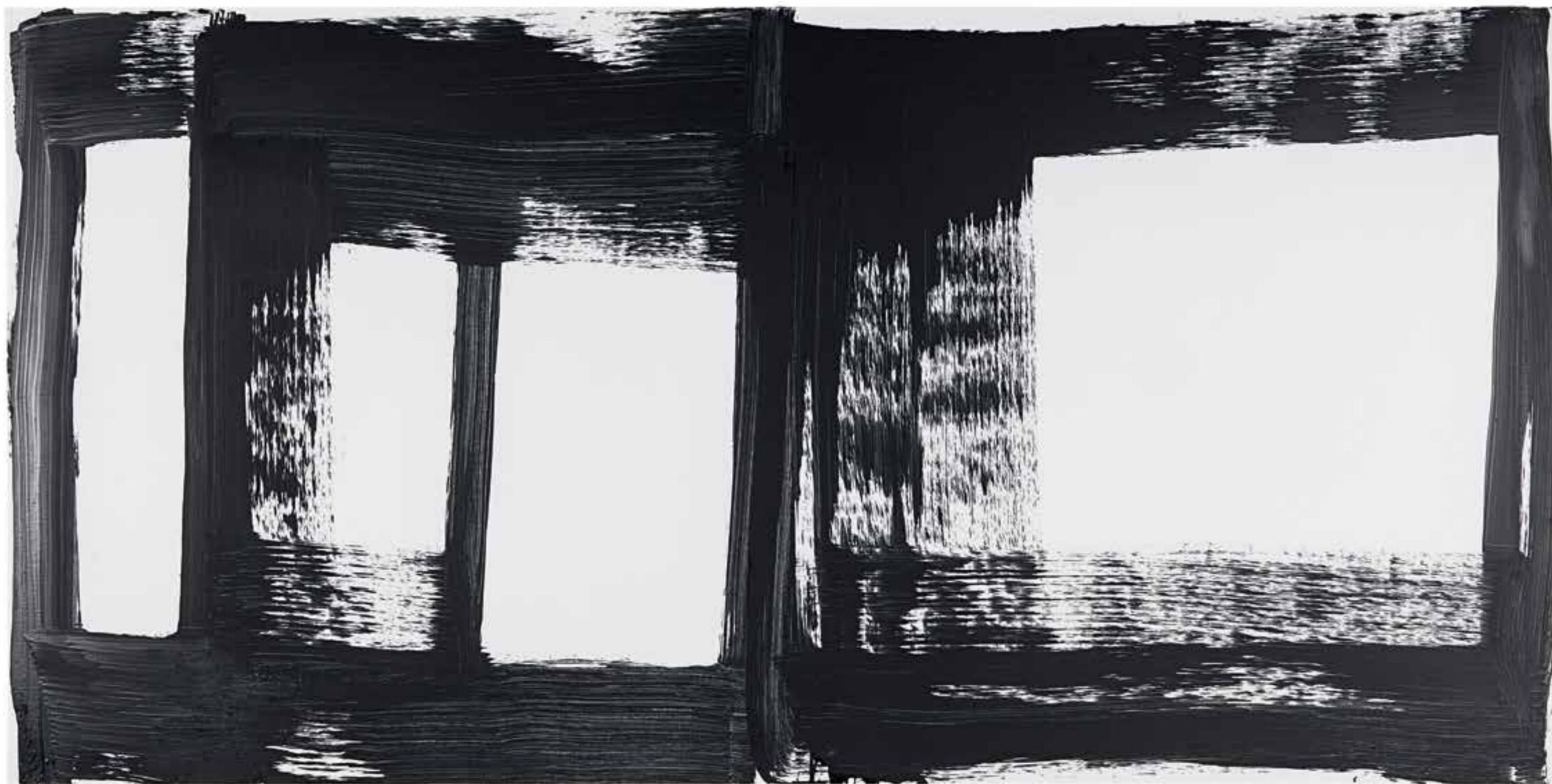


ARCANGELO IANELLI

Vibração cromática em bege e ocre, 2002

PINTURA sobre tela
146 x 188 cm





AMILCAR DE CASTRO

S/ título

PINTURA – Acrílica sobre tela
256 x 129 cm





TOMIE OHTAKE

Amarelo, 1997

PINTURA – óleo sobre tela
100 x 200 cm



HERMELINDO FIAMINGHI
S/ título

GRAVURA (PA) – litografia sobre papel
89 x 68,5 cm

DESVELAMENTO E INCORPORAÇÃO: pintura matérica

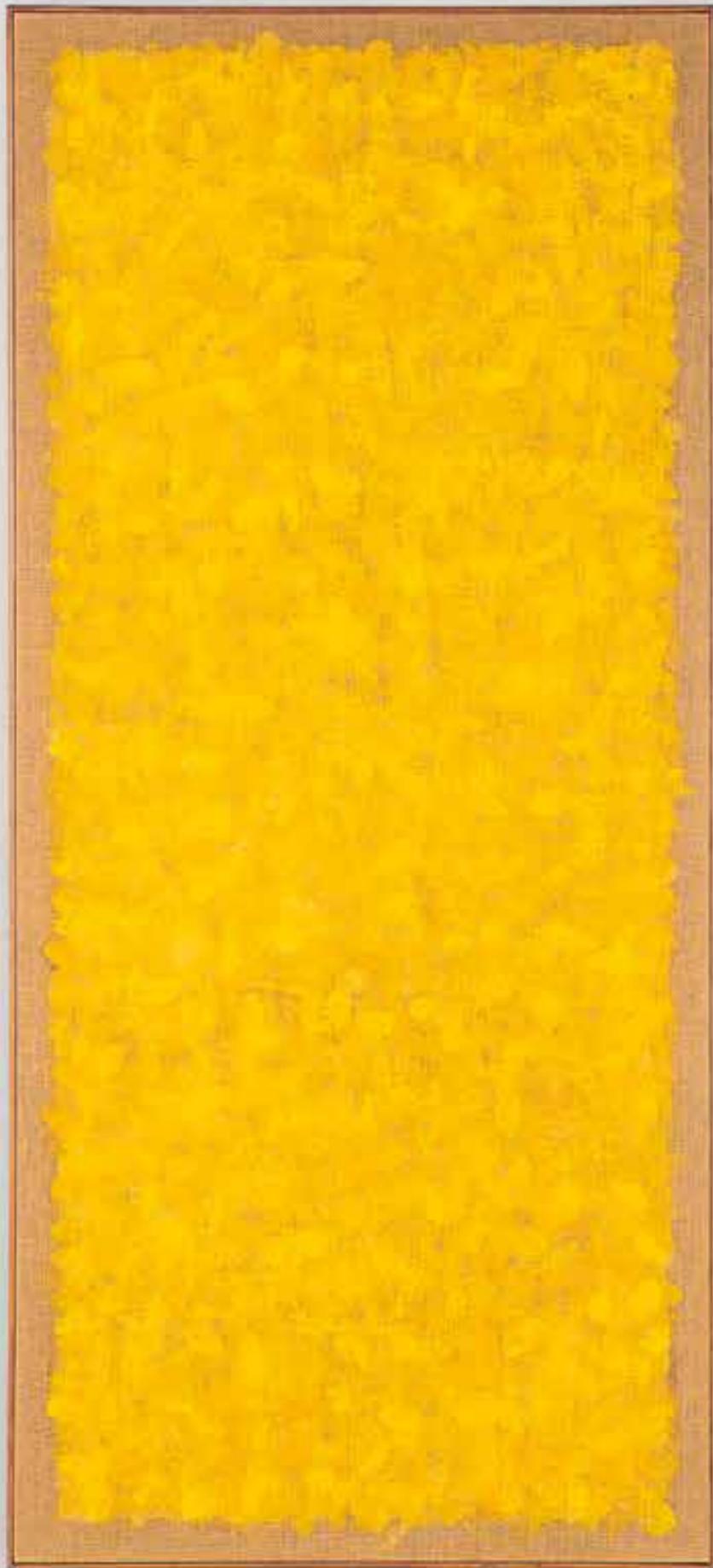
Neste módulo encontramos artistas que tratam a materialidade da pintura como parte integrante da produção de sentido. A tinta, a tela ou o papel, antes percebidos como suportes que deveriam ser neutralizados na visualidade, agora assumem valores na composição e estrutura da própria pintura, eles são a forma e conteúdo da obra.

Essa produção trouxe questões como a relação entre o suporte e a representação e o protagonismo da matéria. Nestas obras, há uma integração da tinta à trama em uma relação de completa aderência dos materiais ao suporte. As técnicas e os materiais da pintura deixam de ser uma ferramenta de representação e se transformam na própria expressão, falando por si mesmas.

Uma obra que foi trabalhada a partir dessa ideia da autonomia da matéria é a Papel Prensado de Manoel Serpa, na qual o papel, material que sempre foi usado como um meio para a construção de um desenho ou pintura, dessa vez se coloca como o próprio fim. Outro exemplo dessa modalidade é percebido no díptico feito pela artista Amélia Toledo, que é uma elaboração em cima do próprio material e que evidencia uma relação entre a questão bidimensional, relacionada ao suporte, e a tridimensional, manifestada a partir da textura dos elementos incorporados à ele.

Mesmo com a existência de qualidades abstratas, esse tipo de trabalho não é uma oposição clara à figuração. Ele contém uma estrutura ainda permeada pela narrativa e vinculada a aspectos do real, mesmo que as formas se dispersem na superfície. Uma das coisas que mantém a conexão com a realidade é a própria concretude dos materiais trabalhados, que formam uma textura em relevo na superfície da tela.





AMÉLIA TOLEDO

S/ título, 1992

PINTURA – Acrílica
sobre tela
256 x 129 cm (cada)





MÁRIO AZEVEDO

S/ título

TÉCNICA MISTA - papel artesanal
57 x 77 cm



MANOEL SERPA

S/ título

GRAVURA – Técnica mista, Tinta e papel
artesanal prensado
80 x 60 cm

ASSIMILAÇÕES E HIBRIDISMOS

As obras que constituem este módulo colocam em questão as fronteiras entre as modalidades artísticas. O que poderia ser identificado como pintura, escultura ou fotografia passa por um processo de hibridização e de difícil nomeação, caracterizado pela indefinição e não aceitação de uma categoria/rótulo estanque. Desta forma, o conceito de modalidade artística é substituído por expressão artística, sob a noção de campo expandido, que amplia as possibilidades de criação. Isso pode ser observado nos trabalhos de artistas que exploram as aproximações e os atravessamentos entre técnicas e linguagens em um caminho convergente.

Os trabalhos desenvolvidos pelos artistas Marco Túlio Rezende, Roberto Vieira, Marcos Coelho Benjamin e Máximo Soalheiro, por exemplo, operam em uma interação entre aspectos da tridimensionalidade e da gravura, desenho e pintura na medida em que as obras de caráter objetual são fixadas na parede.

Nas obras de Jayme Reis e Manfredo Souzanetto, observa-se, ainda, a apropriação de materiais que receberam pouca intervenção do artista, destacando assim a aproximação da ordem do cotidiano a partir da matéria, em um deslocamento do objeto tridimensional.



ROBERTO VIEIRA

Natureza enquadrada, 1995

OBJETO - Madeira, tinta, colagem, pintura, galhos
90 x 90 x 7 cm





MANFREDO SOUZANETTO

S/ título

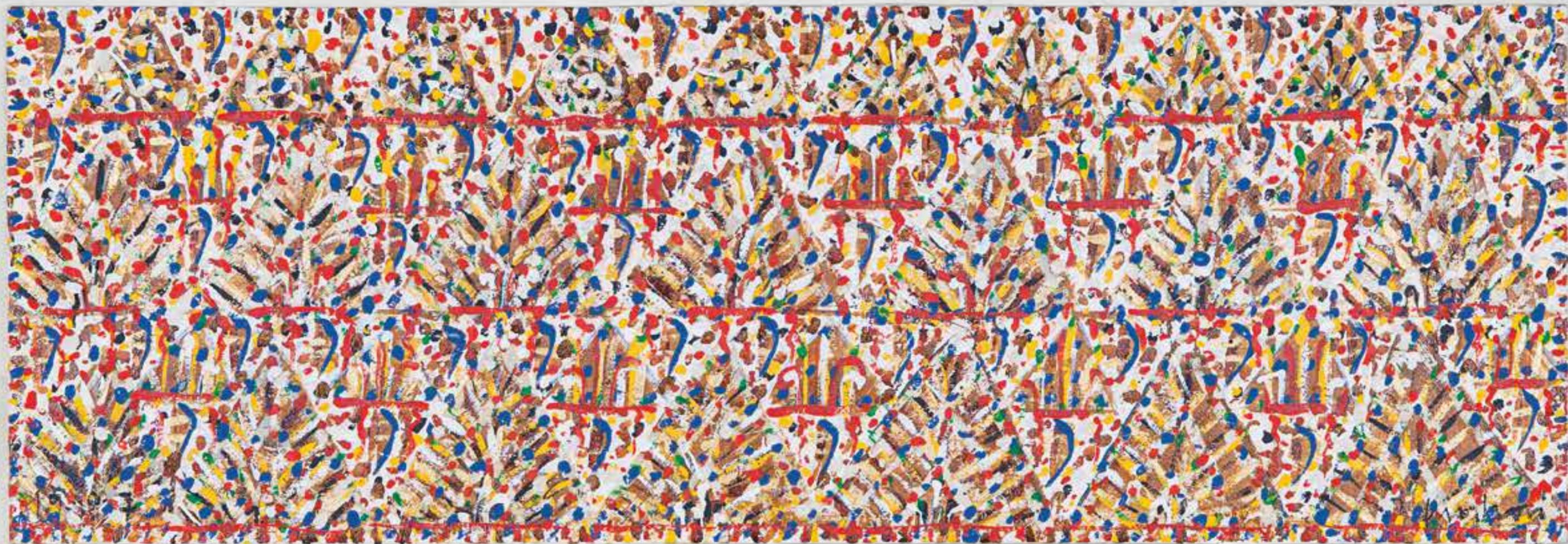
OBJETO - Madeira, juta, pigmentos de terra,
acrílica, técnica mista
110 x 8 x 5 cm - 125 x 6 x 4 cm



ARCANGELO IANELLI

Abstração Parisiense, 1963

PINTURA sobre papel - técnica mista
85 x 64 cm



FERNANDO LUCCHESI

S/ título

PINTURA – Acrílica sobre madeira
55 x 160 cm

MARCOS COELHO BENJAMIM

S/ título, 2003

ESCULTURA - aço
150 x 13 cm (cada)



PUBLICAÇÃO

Textos e curadoria
RODRIGO VIVAS

Projeto gráfico e Produção
ELETRA SERVIÇOS CULTURAIS
GUILHERME MACHADO e MÁRCIA RENÓ

Fotografias
LUCAS GALENO
Exceto páginas: 18 a 27 / 33 / 39 a 45 / 51 a 65 / 84 e 85 / 92 e 93 / 97
RODRIGO ZEFERINO - páginas 6 e 7

Revisão
RITA LOPES

Todos os esforços foram feitos no sentido de se localizar e contatar os detentores dos direitos autorais das imagens aqui publicadas. Colocamo-nos à disposição para qualquer correção ou complementação de créditos que se façam necessárias.

Agradecimentos

Elvira Nascimento, José Augusto Moraes (pela cessão de imagens).
Equipe Usiminas, Acionistas, Clientes, Comunidades, Poderes Públicos e demais parceiros.
Artistas e familiares, Instituto Amilcar de Castro, Instituto Inimá de Paula, Instituto Tomie Ohtake,
AM Galeria de Arte, Galeria Nara Roesler, Manoel Macedo Arte e Têra Queiroz .



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro de Memória Usiminas / curadoria Rodrigo Vivas. -
Ipatinga, MG : Instituto Usiminas, 2024.

ISBN 978-65-982616-0-3

1. Centro de Memória Usiminas 2. Arte brasileira
3. Arquitetura moderna I. Vivas, Rodrigo.

CDD: 708.98151

Bibliotecária responsável: Patrícia Ayres Renó CRB6/2581



PATROCÍNIO MASTER



USIMINAS

Instituto
USIMINAS

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

